



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Rodolfo Carneiro Nóbrega

**Migração de estudantes universitários entre os países do BRICS: ensino superior e
expansão econômica**

Brasília

2015

Rodolfo Carneiro Nóbrega

Migração de estudantes universitários entre os países do BRICS: ensino superior e expansão econômica

Monografia submetida ao curso de Ciências Sociais, habilitação Sociologia da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de Bacharel em Sociologia.

Orientador: Prof. Dra. Ana Cristina Murta Collares

Rodolfo Carneiro Nóbrega

**MIGRAÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS ENTRE OS PAÍSES DO
BRICS: ENSINO SUPERIOR E EXPANSÃO ECONÔMICA**

Esta monografia foi julgada adequada para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais, habilitação Sociologia, e aprovada em sua forma final.

Brasília, 7 de dezembro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Ana Cristina Murta Collares

Orientadora

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Benedito Martins

Universidade de Brasília

À Miucha.

RECONHECIMENTOS

Obrigado a quem esteve comigo desde o princípio, meus pais, minha irmã, meu irmão, minhas amigas e meus amigos. Agradeço pelo apoio no dia-a-dia, aquelas e aqueles que estiveram comigo sabem o quão difícil alguns momentos foram. Contudo, o aprendizado foi imenso, levarei cada momento, cada lembrança, cada desavença, cada risada, cada inspiração.

Às amigas e amigos, obrigado. Ao Uah Bésh pela força e pela distração ao longo dos anos. Ao Party Rock, obrigado, ter o apoio de vocês foi imprescindível nessa caminhada, vocês sabem o quanto me ajudaram. A SOCIUS por toda preparação, experiências e por ter conhecido ótimas pessoas. Às amigas e amigos de UnB, obrigado pelo dia-a-dia.

A minha querida Maitra, pelo apoio, pela paciência, pelo dia-a-dia, pela alegria e pelo amor. Obrigado. Você foi determinante, primeiro como amiga, depois como amiga e como companheira. Ter você ao meu lado é alegria todos os dias.

Aos meus pais (Alvino e Roseane), é um orgulho estar aprendendo a cada dia a ser uma pessoa melhor, agradeço a paciência que tiveram comigo, foram dias difíceis, mas repetiria cada um deles. A confiança e o suporte que vocês me deram foi fundamental para que eu fosse capaz de ultrapassar cada situação. Saber que posso contar com essa ajuda me dá força para encarar qualquer desafio. Amo vocês.

Aos meus irmãos (Rafael e Rebeca), obrigado pelas brigas, pelos ensinamentos e pelo apoio. Agradeço também a distração que vocês me deram e me dão na rotina, seja nas conversas, seja nos jogos. Ao Lyon, Luna e Syrius, vocês chegaram esse ano, mas já são parte determinante na minha vida. Finalmente, à Miucha. Obrigado por tudo e por me acompanhar nesses últimos anos, sempre lembrarei de você.

RESUMO

O crescimento do número de matrículas no ensino superior e a mobilidade dos estudantes entre os países cresceram de forma significativa nas últimas décadas. São diversos os motivos que contribuíram para este aumento e, o presente trabalho, concentra-se mais na questão da mobilidade do que na da expansão propriamente dita. Procuramos entender a migração dos estudantes de ensino superior entre os países que compõe o BRICS – abreviação que simboliza Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – identificando relações entre essa mobilidade e o crescimento econômico de tais países. Fazemos também uma comparação com os Estados Unidos da América, um dos países tradicionalmente mais buscados pelos estudantes de ensino superior para realizar sua formação, para fornecer uma noção da magnitude das transformações analisadas. A hipótese central deste trabalho é de que o crescimento do ensino superior dessas nações está ligado com a expansão econômica das mesmas, e que esse crescimento promove também uma maior mobilidade dos estudantes entre esses países. Os dados mostrados ao longo do estudo foram coletados em bancos de dados mundiais, organizados pelo Banco Mundial e a OECD (*Organisation for Economic Co-operation and Development*). Os resultados sinalizam para a existência da correlação postulada entre crescimento econômico e expansão do ensino superior, bem como indicam que a expansão do ensino superior está relacionada com áreas estratégicas de investimento. Os dados indicam também um pequeno, mas observável crescimento no intercâmbio de estudantes entre os países do BRICS.

Palavras-chaves: BRICS; Educação; Economia; Ensino Superior; Mobilidade.

ABSTRACT

The growth in enrollment in higher education and the mobility of students between the countries has grown significantly in recent decades. There are several reasons that contributed to this increase, and the present work focuses more on mobility than in the expansion itself. We seek to understand the migration of students between the countries that create the BRICS - short symbolizing Brazil, Russia, India, China and South Africa - identifying relationships between this mobility and economic growth of these countries. We also make a comparison with the United States of America, one of the traditionally most searched countries by students in higher education to achieve their training, to provide a sense of the magnitude of the analyzed transformations. The central hypothesis is that the growth of higher education in these nations is connected with the economic expansion of them, and that this growth also promotes greater student mobility between these countries. The data shown throughout the study were collected in banks worldwide data, organized by the World Bank and the OECD (Organisation for Economic Co-operation and Development). The results point to the existence of the postulated correlation between economic growth and expansion of higher education, as well as indicate that the expansion of higher education is related to strategic areas of investment. The data also indicate a small but noticeable increase in student exchanges between the BRICS countries

Keywords: BRICS; Education; Economy; Higher education; Mobility.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Termos mais citados no mês de outubro de 2015 - Twitter.....	66
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Top 20 notícias mais compartilhadas durante o mês de outubro de 2015- Twitter	65
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de matrículas por Instituição em 2002 e 2012.....	21
Tabela 2 - Número de matrículas por tipo de Instituição Privada em 2002 e 2012	21
Tabela 3 - Variação de graduados entre 2006 e 2012 nos setores	44
Tabela 4 - Variação do PIB e variação dos setores específicos entre 2006 e 2012.....	44
Tabela 5 - País de destino dos brasileiros.....	46
Tabela 6 - País de destino dos chineses	47
Tabela 7 - País de destino dos indianos	47
Tabela 8 - País de destino dos sul-africanos.....	48
Tabela 9 - País de destino dos russos	48
Tabela 10 - País de destino intragrupo dos estudantes	52

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Crescimento anual do PIB (%) nos países do BRICS e nos EUA – 1999/2012.....	26
Gráfico 2 - PIB per capita nos países do BRICS e nos EUA – 1999/2012	27
Gráfico 3 - PIB per capita nos países do BRICS – 1999/2012.....	28
Gráfico 4 - Número de Matrículas no ensino superior dos países do BRICS e do EUA – 2000/2012	29
Gráfico 5 - Número de Matrículas no Ensino Secundário dos países do BRICS e dos EUA – 1999/2012.....	30
Gráfico 6 - Percentual de pessoas de 20 – 24 matriculadas no ensino superior nos países do BRICS e nos EUA – 2000/2012	31
Gráfico 7 - Percentual de pessoas de 25 – 29 matriculadas no ensino superior nos países do BRICS e nos EUA – 2000/2012	32
Gráfico 8 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA – 2006/2012.....	33
Gráfico 9 - Percentual de graduados dos países do BRICS e do EUA por número de matrículas – 2006/2012	34
Gráfico 10 - Percentual de graduados dos países do BRICS e do EUA por número de matrículas (eixo de 5% a 20%) – 2006/2012.....	34
Gráfico 11 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA na área de Educação – 2006/2012	36
Gráfico 12 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA na área de Humanidades e Artes – 2006/2012.....	37
Gráfico 13 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA na área de Ciências Sociais e Negócios – 2006/2012.....	38
Gráfico 14 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA na área de Ciências – 2006/2012	39
Gráfico 15 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA na área de Engenharia, Manufatura e Construção – 2006/2012	40
Gráfico 16 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA na área de Agricultura – 2006/2012	41
Gráfico 17 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA na área de Saúde e Bem-Estar – 2006/2012	42
Gráfico 18 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA na área de Serviços – 2006/2012	43
Gráfico 19 - Estudantes brasileiros.....	51
Gráfico 20 - Estudantes chineses.....	51
Gráfico 21 - Estudantes indianos.....	51
Gráfico 22 - Estudantes russos	51
Gráfico 23 - Estudantes sul-africanos.....	51
Gráfico 24 - Estudantes que saíram da África do Sul para países do BRICS – 2006/2012	53

Gráfico 25 - Estudantes que saíram do Brasil para países do BRICS – 2006/2012	53
Gráfico 26 - Estudantes que saíram da China para países do BRICS – 2006/2012	54
Gráfico 27 - Estudantes que saíram da Índia para países do BRICS – 2006/2012.....	54
Gráfico 28 - Estudantes que saíram da Rússia para países do BRICS – 2006/2012	55
Gráfico 29 - Número de ocorrências e alcance do termo “BRICS” em Outubro – 2015	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul

OECD - Organisation for Economic Co-operation and Development

WCU - World-Class University

EUA - Estados Unidos da América

ARW - Academic Ranking of World Universities

SJTU - Shanghai Jiao Tong University

IIT - Indian Institute of Technology

LAOTSE - Links to Asia by Organizing Traineeship and Student Exchange

HSE - Higher School of Economics

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

REUNI - Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

PIB – Produto Interno Bruto

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
I. A ESTRUTURA DO ENSINO SUPERIOR	20
<i>2.1 Relação entre a economia e ensino superior nos países do BRICS</i>	<i>25</i>
II. CRESCIMENTO DO ENSINO SUPERIOR POR ÁREA DE FORMAÇÃO ..	36
III. MOBILIDADE INTRAGRUPO	46
IV. AS UNIVERSIDADES PADRÃO MUNDIAL NOS BRICS	57
V. AS NAÇÕES DOS BRICS E O ENSINO SUPERIOR NAS REDES SOCIAIS	62

INTRODUÇÃO

O número de matrículas no ensino superior e a mobilidade dos estudantes entre os países cresceram de forma significativa nas últimas décadas. São diversos os motivos que contribuíram para este crescimento e, o presente trabalho, concentra-se mais na questão da mobilidade do que na da expansão propriamente dita. Procuramos entender a migração dos estudantes de ensino superior entre os países que compõe o BRICS – abreviação que simboliza Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – identificando relações entre essa mobilidade e o crescimento econômico de tais países. Fazemos também uma comparação com os Estados Unidos da América, um dos países tradicionalmente mais buscados pelos estudantes de ensino superior para realizar sua formação, com o intuito de fornecer uma noção da magnitude das transformações analisadas.

Além desta abordagem, fazemos ainda uma análise descritiva do funcionamento do ensino superior nesses países, com os campos de educação e os tipos de instituições presentes em cada um deles. A hipótese central é de que o crescimento do ensino superior dessas nações está ligado com o crescimento econômico, promovendo, assim, maior mobilidade dos estudantes entre esses países. Os dados mostrados ao longo do estudo foram coletados em banco de dados mundiais, tais como o *World Bank* e OECD (*Organisation for Economic Co-operation and Development*).

O número de matrículas cresceu de forma significativa ao longo do século XX e início do século XXI. Em um período de 100 anos o número de estudantes no ensino superior passou de 500 mil alunos no ano de 1900 para 100 milhões de estudantes em 2000 (SHOFER; MEYER, 2005). Em 100 anos observamos um aumento de 20.000%, resultando em um crescimento de 200% ao ano. Estudos na área de educação e estratificação atribuem esse crescimento no número de matrículas no ensino superior a uma correlação de diversas variáveis (SHOFFER; MEYER: 2005, SCHWARTZMAN: 2015). Um dos principais motivos para a busca pelo ensino superior é por ser considerado como um canal para mobilidade social. Também podemos mencionar a relação entre o alcance educacional e o status ocupacional e socioeconômico, etc.

Simon Schwartzman, em seu artigo “Demanda e Políticas Públicas para o ensino superior nos Brics”, traz uma discussão muito rica e detalhada com relação as intencionalidades do indivíduo e do Estado a respeito da educação. Para ele, diante das

pretensões individuais diversas, o governo encontra-se em uma posição onde, por dois motivos, é inviável atender todas as demandas: 1) dificuldades de custeio; 2) disputas por vagas entre os diferentes níveis educacionais. Para o autor “com o aumento da demanda por ensino superior, os governos tiveram de prestar mais atenção a seu custo e aos benefícios que ele traz para a sociedade” (SCHWARTZMAN, 2015, p. 269). Ele completa:

As respostas de cada país variaram de acordo com a história, cultura e regime político, mas todos tiveram de enfrentar problemas semelhantes, incluindo a escassez de recursos e a necessidade de se certificar de que o dinheiro público e o privado não estavam sendo desperdiçados em uma pirâmide de grandes dimensões. (SCHWARTZMAN, 2015, p. 269)

Independente, portanto, das estratégias de cada país com relação à expansão do ensino, todos enfrentam o questionamento sobre os possíveis benefícios públicos a serem auferidos dos pesados investimentos necessários no nível superior de ensino. Ainda que seja praticamente impossível determinar a direção dessa causalidade, a hipótese aqui é a de que o crescimento econômico poderia não apenas fornecer maiores reservas aos estados para investir na educação, como possibilitaria também maiores oportunidades aos indivíduos de aplicar na própria educação. As razões para investir nesse nível de ensino não são apenas econômicas, mas também socioculturais como por exemplo o desejo de se inserir numa economia globalizada, criando universidades que tivessem esse caráter global.

A mobilidade possui papel importante na construção de universidades globalizadas. A partir do momento em que surgem as instituições de ensino superior, a mobilidade acadêmica apresenta-se. No início eram estudantes de áreas próximas ou afastadas que procuraram estudar em Paris, Oxford, Bolonha, etc. Pensando no Brasil dos séculos XVII, XVIII e XIX, a exemplo dos filhos de senhores de engenho que buscaram o estudo em áreas longínquas com o objetivo de ascender socialmente por meio do conhecimento. Essa mobilidade expandiu de forma expressiva no século XX, em um período de 50 anos – de 1950 a 2000 – o número de estudantes estrangeiros passou de 110 mil para quase 2 milhões, apresentando um aumento de quase de 1.600% - mais de 30% ao ano. É um aumento bastante considerável se pensarmos em possíveis contratempos como idioma e falta de recursos por parte dos estudantes. Em seu artigo “Notas sobre a formação de um sistema transnacional de Ensino Superior”, Martins salienta que:

Os avanços tecnológicos nos meios de comunicação e de transporte, bem como determinadas orientações culturais que se encontram presentes em numerosas sociedades – que tendem a impelir os indivíduos a se moverem de suas localidades para outros países, que valorizaram a aprendizagem de novas competências linguísticas – possuem um significativo impacto na motivação dos indivíduos de realizarem seus estudos em universidades estrangeiras. (MARTINS, 2015, p. 296)

Ao mesmo tempo em que os estudantes estrangeiros possuem interesses específicos quanto a mobilidade para outras instituições de ensino, principalmente no que concerne a busca por capitais – humano, social, cultural, etc. -, as universidades também possuem grande interesse em contar com estudantes das mais diversas nacionalidades, principalmente com o objetivo de se tornarem universidades padrão mundial, as *world-class universities* (WCU)¹. Além disso, a migração de estudantes traz benefícios econômicos para algumas nações. Para Martins:

Alguns países, como Austrália, Canadá, Inglaterra e Estados Unidos, recrutam estudantes como forma de captar recursos para suas universidades e para suas respectivas economias nacionais, uma vez que estabelecem a cobrança de elevadas taxas. A Nova Zelândia gera mais dividendos financeiros com o ensino superior do que com sua indústria de vinhos. O Canadá obtém maiores ganhos econômicos com o ensino superior do que com a exploração de madeira e carvão (MARTINS, 2015, p. 296)

Com o intuito de compreender de alguma forma a relação entre crescimento econômico e a expansão do ensino superior, nosso estudo concentra-se nos países do BRICS. As nações que fazem parte desse grupo são consideradas nações emergentes e estão ganhando importância desde o início do século. A discussão sobre o ensino superior e a busca por atrair estudantes estrangeiros começaram a ganhar destaque no segundo semestre de 2015 com o anúncio da criação de rede de intercâmbio de pós-graduação ou como é chamada na mídia “Universidade dos BRICS”. Em seção posterior trataremos do impacto desse grupo nas mídias digitais.

A reunião desses países - com a inclusão posterior da África do Sul - em um grupo deu-se, principalmente, por dois motivos: o nível populacional desses países e o progresso econômico. Esses países não crescem apenas economicamente, mas também politicamente. A China a cada ano se aproxima dos EUA para assumir a primeira posição

¹ Assunto que trataremos no capítulo IV.

de maior economia mundial; já o Brasil, a Rússia e a Índia figuram entre as dez maiores economias. Um dos motivos da participação da África do Sul nesse grupo de emergentes foi pela consolidação da democracia e da economia com o fim do *Apartheid*. Fazemos aqui a ressalva de que muitos dos dados que serão apresentados não possuem informações da China. Especialmente aqueles mais específicos como os de educação, de mobilidade dos estudantes chineses e outros.

Para análise comparativa, em projeção feita por Wilson e Purushothaman no artigo “*Dreaming with BRICS: The Path to 2050*”, no ano de 2003, vemos dados comparativos entre os países do BRICS e, as nações que compõe o G6 (Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Inglaterra e Itália). Em relação ao tamanho da economia em dólar, no ano de 2025 a economia dos BRICS seria maior que a dos países do G6, enquanto que a China superaria a economia da Alemanha em 2007, Japão em 2015 e os Estados Unidos em 2039. No que concerne à Índia, a projeção é de que ultrapasse as economias de China e EUA em 2033. Dos países do G6, apenas Estados Unidos e Japão continuariam no grupo das seis maiores economias mundiais em 2050. É interessante fazer uma comparação com o momento atual: a economia chinesa se aproxima mais a cada ano da economia estadunidense - em 2003 representava 14,3% da dos EUA e em 2013 o número passou para mais de 55%. Logo, em relação à projeção dos autores, a China cresceu e continua crescendo mais do que o esperado.

Outra projeção feita é acerca do crescimento econômico. Para eles a Índia tem potencial de ter o crescimento mais acelerado, podendo ser maior de 5% até 2033 e próximo a 5% até 2050. Além disso, dos países do BRICS, apenas ela teria um crescimento maior que 3% em 2050. Em relação com o que temos hoje o crescimento econômico da China é maior e diferente do que imaginado por Wilson. Eles projetavam uma queda significativa do crescimento chinês: em 2005, o crescimento seria de 8%, enquanto que em 2015 seria de 5%. O crescimento atual chinês foi maior, em 2005 foi de 11,31%, enquanto que a média do crescimento econômico de 1999 a 2012 foi de 9,85%.

Ainda sobre o crescimento econômico projetado, a média projetada para o Brasil era de 4%, tanto em 2005 quanto em 2015. Esse número é diferente do que aconteceu de fato, a média brasileira foi de 3,20%; no entanto, o que difere é na constante do crescimento projetado por ele, o Brasil apresentou variações significativas no crescimento indo de 3,16% em 2005, para -0,33% em 2009 e 7,53% em 2010. Com essa projeção observamos que os países do BRICS em relação à economia estão crescendo mais do que o esperado, sobretudo a China e a Índia.

Sendo assim, a escolha dos países do BRICS para desenvolver esse trabalho, além do fato de o Brasil pertencer ao grupo, se justifica pelo crescimento econômico acelerado destes em período recente. Resta-nos assim observar se no campo educacional esse crescimento também é notado.

Para observarmos se esse aumento também pode ser visto no campo educacional, analisamos os dados da OECD e do *World Bank*. Exploramos, principalmente, informações de mobilidade discente e o número de graduados por setor. O objetivo de fazer uma comparação com o Estados Unidos, é pelo fato do país ser o principal destino de estudantes estrangeiros, inclusive das nações do BRICS. Os EUA servem então de base de comparação para manter as transformações observadas nos países estudados em termos de mobilidade estudantil em perspectiva. Veremos o quanto a mobilidade intragrupo é distinta da mobilidade de estudantes com destino ao EUA. Para analisar os dados, usamos estatísticas descritivas, principalmente medidas de tendência central e variação entre os anos. Vale a ressalva de que as fontes utilizadas possuem várias lacunas nos dados, tanto temporalmente quanto entre países.

O estudo realizado ao longo desse trabalho é dividido em cinco partes: 1) estrutura do ensino superior, comparando o ensino superior de cada país e contextualizando a expansão desse nível em cada um deles; 2) área de formação, procurando analisar quais as áreas do conhecimento estão crescendo mais nesses países; 3) mobilidade intragrupo – analisando a circulação de estudantes entre universidades dos próprios BRICS; 4) universidades padrão mundial. Mais uma vez, crescimento econômico é associado a novos padrões de ensino, entre eles o surgimento de universidades capazes de atrair estudantes estrangeiros; 5) BRICS e ensino superior nas redes sociais. A ideia nesse último tópico é analisar o quanto esse grupo emergente de países é associado ao crescimento educacional, com foco no ensino superior.

I. A ESTRUTURA DO ENSINO SUPERIOR

Nessa seção, nosso objetivo é apresentar a estrutura de ensino e uma breve contextualização histórica do desenvolvimento do ensino superior em cada país estudado. Destacamos a presença do Estados Unidos nesses dados – e nos seguintes – para dimensionar a diferença entre as nações dos BRICS e esse país.

Analisando a estrutura do ensino superior nesses países e também nos EUA, no ano de 2012 os Estados Unidos tiveram aproximadamente 72% dos estudantes matriculados em instituições públicas, enquanto que o restante foi matriculado nas instituições privadas. Nesse mesmo ano, no Brasil ocorre o contrário: 28,5% dos estudantes foram matriculados em instituições públicas e o restante em instituições privadas.

Em relação à China, o dado mais completo é do ano de 2002 quando mais de 96% dos matriculados estavam em instituições públicas. Já na Índia, a informação mais recente da OECD consta que no ano de 2004 todos os estudantes estavam matriculados em instituições públicas. No que concerne à Rússia, as instituições privadas representam uma parcela pequena do número de matriculados - no ano de 2012 esse número foi de aproximadamente 14%. Por fim, no ano de 2012 todos os estudantes da África do Sul foram matriculados em instituições públicas.

Na tabela 1 observamos esses percentuais em números brutos e em comparação com o número de matriculados em 2002, e na tabela 2 observamos os dados das instituições privadas exclusivamente. Em relação às instituições públicas, o Brasil teve o maior percentual de crescimento, aumentando 100% no período em questão. Já as matrículas dos Estados Unidos aumentaram 23% de 2002 a 2012, enquanto que na Rússia houve um decréscimo de 7% no número de matrículas nesse tipo de instituição. Com relação às instituições privadas, o Brasil também teve o maior aumento no número de matrículas, com um percentual de um pouco mais de 45%. Estados Unidos e Rússia tiveram o mesmo crescimento de 59%. Ou seja, a Rússia apresentou um aumento significativo no número de estudantes em instituições privadas, porém, o número total de matrículas em 2012 é menor que em 2002 – explicamos essa redução na seção seguinte em que trataremos a relação entre crescimento econômico e expansão do ensino.

A falta de informação em alguns anos traz uma dificuldade em apresentar uma análise minuciosa do ensino superior nesses países. Na Índia, por exemplo, o aumento no número de matriculados nas instituições é evidente, no entanto, não sabemos ao certo o

número exato. Outro ponto sobre esse país que não podemos inferir pelos dados da OECD é a presença de instituições privadas. Apesar disso, de acordo com informações do próprio país, em 2011 a Índia apresentava 90 instituições privadas.

Tabela 1 - Número de matrículas por Instituição em 2002 e 2012

	2002		2012		Variação %	
	Instituições Públicas	Instituições Privadas	Instituições Públicas	Instituições Privadas	Públicas	Privadas
Estados Unidos	12.233.156	3.694.831	15.110.196	5.883.917	23,52%	59,25%
Brasil	1.020.211	2.105.534	2.069.402	5.172.003	102,84%	145,64%
China	12.910.613	471.597	Sem informação	Sem informação		
Índia	10.576.653	Sem informação	Sem informação	Sem informação		
Rússia	7.340.153	689.881	6.885.458	1.097.653	-6,19%	59,11%
África do Sul	Sem informação	Sem informação	938.201	Valor perdido		

Fonte: OECD

Tabela 2 - Número de matrículas por tipo de Instituição Privada em 2002 e 2012

	2002		2012		Variação %	
	Instituições Privadas dependentes do Governo	Instituições Privadas independentes	Instituições Privadas dependentes do Governo	Instituições Privadas independentes	Dependentes	Independentes
Estados Unidos	Não se aplica	3.694.831	Não se aplica	5.883.917		59,25%
Brasil	Não se aplica	2.105.534	Não se aplica	5.172.003		145,64%
China	Valor perdido	471.597	Sem informação	Sem informação		
Índia	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Sem informação		
Rússia	0	689.881	Não se aplica	1.097.653		59,11%
África do Sul	Sem informação	Sem informação	Não se aplica	Valor perdido		

Fonte: OECD

Além disso, os países emergentes apresentam uma complexidade no desenvolvimento do ensino superior, não apenas o elemento econômico pode ser relacionado com esse crescimento, mas também o fator político. No ensaio de Simon Schwartzman a respeito do ensino superior nas nações do BRICS, temos diversas concepções a respeito do andamento, da estrutura e do contexto histórico dessas nações.

Sobre a Rússia, no período soviético, grande parte das instituições eram de áreas específicas, o governo decidia o “que devia ser produzido e por quem e qual seria a mão de obra necessária para alcançar os resultados desejados” (SCHWARTZMAN, 2015, p.270). Com o declínio da URSS, foi necessário um processo de mudança do ensino superior. Na década de 2000, o ensino superior adquiriu mais importância, o foco estava em: 1) garantir mais influência do governo; 2) competição das universidades por financiamento para pesquisas; 3) a incorporação de técnicas de gerência de empresas; 4) a busca por investimentos adicionais fora aqueles vindos do governo. Finalmente, existem desigualdades na notoriedade das instituições, nos campos de estudo e na distribuição por sexo. Na conclusão do autor essas questões trazem privilégios para homens aptos a serem aceitos nas universidades de maior prestígio.

A Rússia ainda apresentou um aumento no número de estudantes matriculados em instituições privadas no comparativo entre 2002 e 2012. Em seu artigo “*Educational Stratification in Contemporary Russia: Stability and Change in the Face of Economic and Institutional Crisis*” Gerber mostra que, antes do colapso da URSS, as instituições eram geridas pelo governo soviético. No pós-colapso, instituições privadas independentes começaram a surgir e a ganhar importância, tanto no ensino secundário quanto no ensino superior.

Na China observamos diversas ações direcionadas ao ensino superior. As reformas de liberalização no final da década de 1970, por exemplo, proporcionou uma mobilidade expressiva para as áreas urbanas do país pelo aumento de oportunidades. A urbanização e industrialização fez com que ocorresse uma ampliação do ensino superior. Na década de 1990, com o “Projeto de Reforma da Educação e Desenvolvimento na China”, as instituições passaram a aceitar um maior número de estudantes, a gestão foi trazida para competências locais e, fora isso, foi consentido a cobrança de mensalidade, ocasionando mais fundos financeiros que permitiram o aumento do número de matrículas. As universidades chinesas diferenciam-se por serem concatenadas com o governo em relação as suas pesquisas.

Observa-se um crescimento nas instituições privadas chinesas. Aos discentes, além da opção pelo estudo em uma instituição pública ou privada no seu país, é possível ao estudante a escolha de realizar seu estudo no exterior, tanto que a China é o país que mais exporta estudantes. O autor salienta, a partir das informações do Ministério da Educação da China, que em 2011 foram mais de 2 milhões de discentes no exterior e 36%, desse grupo, retornam para o país. Diante desta perspectiva e com a busca por

world-class university, observamos que países que exportavam um número expressivo de estudantes agora possuem interesse em importar.²

A Índia apresenta uma complexidade no que concerne sua composição social. As diferenças econômica, étnica, casta e de gênero são fundamentais nas políticas públicas da nação. Quanto a dinâmica do ensino superior, a Índia apresenta 690 universidades com número expressivo de candidatos por vaga. A maioria das instituições, parte delas de nível estadual, possui problemas orçamentários que ocasiona em dificuldades estruturais e no salário dos professores. Fora isso, as instituições não fazem pesquisas, isso levou o setor privado a tornar-se uma oportunidade de acesso ao ensino superior que o setor público não consegue abarcar. A Índia apresenta expansão na educação a distância, sendo ela oferecida em grande parte pelas instituições públicas. Com relação à mobilidade, o inglês é falado por mais ou menos 10% da população e isso facilita a ida de pesquisadores para outros países, além do estabelecimento de instituições estrangeiras. Entretanto, a grande maioria da população não fala o idioma e isso dificulta a mobilidade desse grupo. Muitos estudantes, principalmente aqueles que falam inglês e pertencem à um grupo dos estratos mais altos optam por estudar fora do país sem o objetivo de retornar.

A respeito da África do Sul, durante o período de *apartheid* as universidades eram divididas conforme a etnia da população. Com o fim do regime, uma das ações iniciais do governo foi organizar de forma consolidada a educação do país diante da mesma competência sem divisão por estratos étnicos. Ainda assim, a discriminação era visível. Instituições de pessoas brancas continuaram predominantemente brancas, enquanto que nas instituições consideradas negras tiveram um contingente reduzido de pessoas brancas matriculadas. A desigualdade econômica continua expressiva, grande parte dos negros interessados em ingressar no ensino superior não eram/são capazes de concorrer com os brancos, sendo necessária a criação de uma política de cotas. Assim como na Índia, uma parte significativa de estudantes estão em ensino a distância. Salientamos que os investimentos não tiveram variação de forma considerável entre 1995 e 2014. Além disso, diversos profissionais sul-africanos, brancos e capacitados, migram para outros países com o intuito de trabalhar e estudar. Em conclusão, como no Brasil e na Índia houve uma ampliação do ensino privado no país, embora não tanto como nesses dois países.

² Ver capítulo IV para mais informações sobre a *world-class university*.

Finalmente, no Brasil a primeira investida para consolidar uma política para o ensino superior aconteceu na década de 1930 com o intuito de criar uma Universidade Nacional que serviria de padrão para outras universidades no país. Após a Segunda Guerra Mundial, o governo absorveu pequenas universidades criadas pelos estados e municípios com o objetivo de conceber uma rede de universidades federais. Essa rede, juntamente com o crescimento do setor privado, possibilitou uma expansão no ensino. A segunda investida ocorreu durante a ditadura militar, onde o governo determinou que as universidades precisavam ser modernizadas e, para isso, com auxílio de consultores norte-americanos teve como modelo as universidades americanas. Para os estudiosos da área, o grande erro foi ter esse modelo, isso fez com que tivesse uma diferenciação no papel e na prática, criando uma universidade bastante estratificada. Para Schwartzman:

Os alunos que têm uma formação melhor no nível do ensino secundário, geralmente de famílias mais ricas e com recursos para colocá-los em boas escolas particulares e pagar por cursos de treinamento, conseguem ter acesso às carreiras de maior prestígio nas melhores universidades públicas onde não pagam mensalidades. Os estudantes mais pobres, oriundos principalmente de escolas públicas de baixa qualidade e, muitas vezes, tendo de trabalhar durante o dia, só conseguem entrar nos cursos noturnos no setor privado, ou, no máximo, nos cursos menos competitivos em universidades públicas, em áreas como educação e serviço social. (SCHWARTZMAN, 2015, P. 283)

O debate para tentar romper de alguma forma com essa estratificação do ensino superior, começou no fim do governo Fernando Henrique Cardoso e ganhou destaque com o governo Lula. No primeiro mandato do governo Lula, foram destinados mais recursos voltados para a expansão do sistema público e para a criação de um programa que possibilitaria o aumento de bolsas de estudo para estudantes de baixa renda no setor privado em troca da isenção de impostos. Também, citamos o REUNI (Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) que possui ações que visavam o aumento de vagas no curso de graduação, oferta de cursos noturno, medidas para diminuir a evasão entre outros. Além disso, foi decidida pela criação de cotas para estudantes de baixa renda e não brancos no setor público.

Para concluir o que foi dito traremos as ações afirmativas nesses países. Nas nações vemos opiniões controversas quanto a essas questões, no entanto, os BRICS apresentam uma composição social diversificada e com oportunidade de acesso bem distintos. O sistema chinês possibilita prerrogativas para grupos específicos, entre essas ações estão instituições focadas em minorias e complemento na pontuação nos exames

seletivos. Contudo, mesmo com esse sistema, esses grupos não são porção expressiva do ensino superior.

Na Índia a ação afirmativa é tema determinante. Mulheres, grupos de castas e povos excluídos não conseguem ter acesso à universidade, sendo assim, foram reservadas vagas que variam de região para região. Fora essa ação, parte do governo a disponibilização de bolsas e outros meios de assistência. Porém, mesmo com essa política, a disparidade ainda é evidente e a política de cotas na Índia é tão complexa quanto sua formação social. Na África do Sul a política é importante pois, de certa forma, as diferenças raciais tende a cair.

Por fim, no Brasil o número de estudantes oriundos de escolas públicas e estudantes negros – usando a categoria do IBGE - ainda é baixo. Mesmo com o aumento do número de vagas entre os anos 2008 e 2011 esse contingente ainda é reduzido. No ano de 2012, o Supremo Tribunal Federal anunciou que as cotas raciais são institucionais. Nesse mesmo ano, foi aprovado pelo Congresso Nacional que 50% das vagas em universidades públicas são destinadas para estudantes de escolas públicas.

2.1 Relação entre a economia e ensino superior nos países do BRICS

Diante do que foi exposto, agora analisaremos os dados da OECD e do *World Bank* trazendo a relação entre a economia desses países e a expansão do ensino superior.

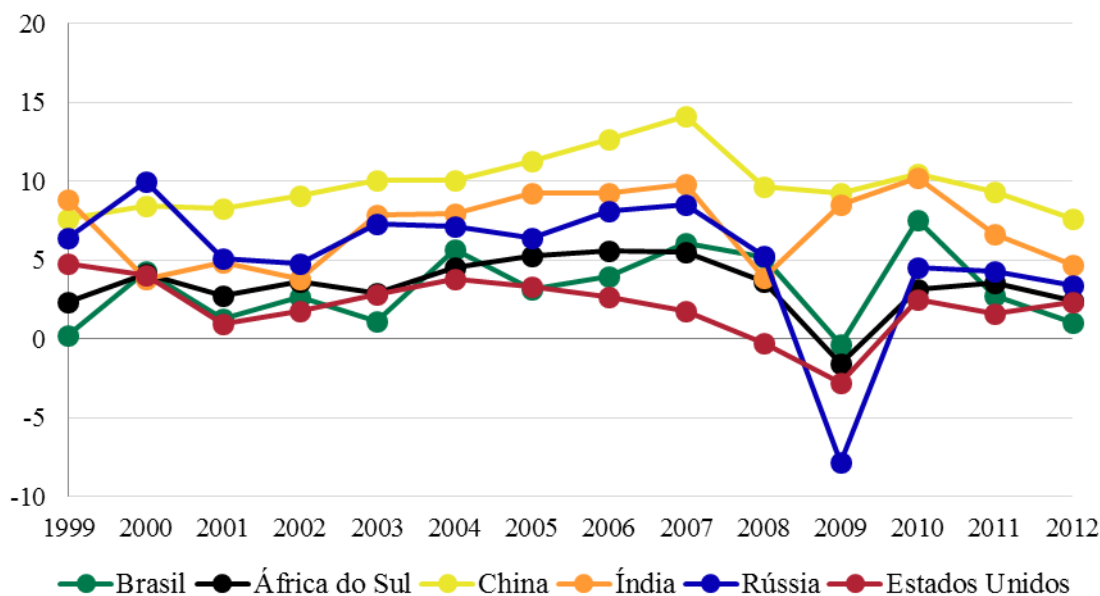
Como apresentado na introdução deste estudo, o ensino superior no mundo vem expandindo de forma expressiva ao longo do século XX e do XXI. Nesta parte serão analisados os dados da economia e do ensino superior nas nações estudadas. A economia será vista por meio do Produto Interno Bruto – PIB – em relação ao ano anterior. É preciso salientar que essa métrica apresenta críticas contundentes. O PIB não traz questões relacionadas ao desenvolvimento social dos países, estando ligado apenas ao aumento das transações da balança comercial. A escolha por essa forma de análise deu-se pela falta um indicador apropriado para compreensão do desenvolvimento econômico. Já os dados analisados sobre o ensino superior serão de número matrículas e número de graduados.

No gráfico 1 observamos a taxa anual de crescimento percentual do PIB dos BRICS e dos EUA. O PIB é a soma do valor de todos os produtores que residem na localidade mais os impostos dos produtos, sendo considerados apenas os bens e serviços

finais produzidos. Importante ressaltar que o gráfico não demonstra o valor exato do PIB, mas sim ou seu aumento ou sua redução – os anos em que o PIB ficou abaixo do 0 - em relação ao ano anterior.

Com isso, percebe-se que a grande recessão³ teve e ainda tem um impacto determinante na economia desses países, principalmente nos anos de 2008 e 2009, em especial sobre a Rússia que apresentava um crescimento anual de em média 6,90% até o ano de 2009, onde teve um decréscimo de aproximadamente 8% em relação ao ano anterior. A China foi a única nação que não teve um decréscimo expressivo em sua economia, fora isso, manteve desde 1999 um crescimento de mais de 7% ao ano. Em média China e Índia apresentam a maior taxa anual média de 1999 a 2012 no crescimento do PIB, a primeira com 9,85% e a segunda com 7,10%. Rússia com 5,24%, África do Sul com 3,44%, Brasil com 3,20% e Estados Unidos com 2,10% vêm em seguida.

Gráfico 1 - Crescimento anual do PIB (%) nos países do BRICS e nos EUA – 1999/2012



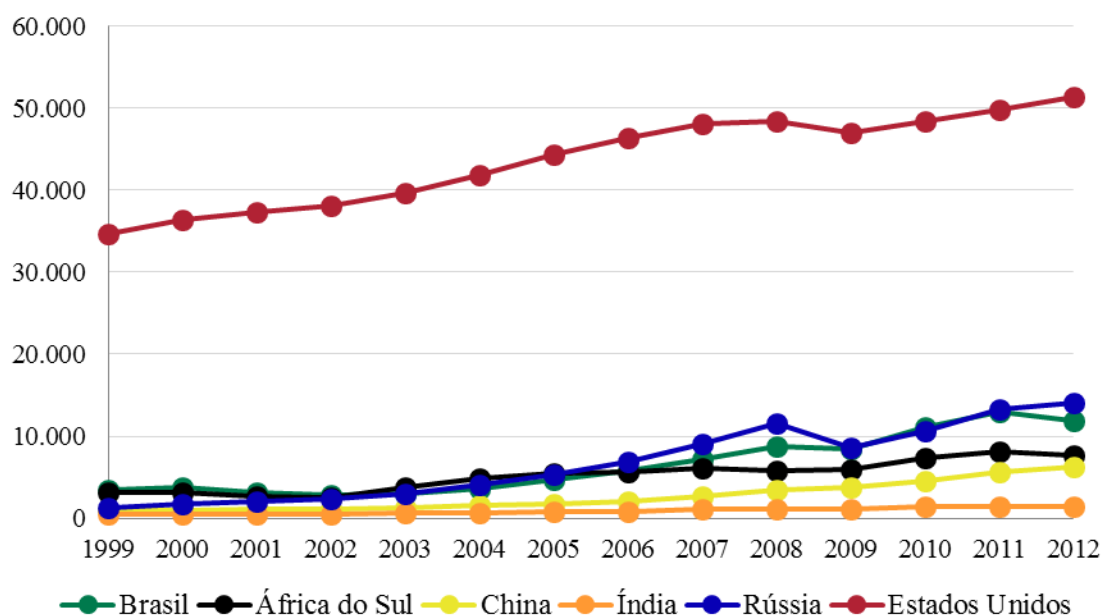
Fonte: World Bank

³A Grande Recessão começou em 2001 com a Bolha da Internet, por meio da política de aplicação no setor imobiliário através da diminuição na taxa de juros. Isso ocasionou em maiores investimentos em imóveis, onde algumas instituições passaram a dar créditos e a conceder empréstimos para hipotecários. Ano a ano a bola de neve aumentava, em 2006 ocorreu a crise do *subprime* sendo causada pela quebra dessas instituições de crédito, seu ápice foi a crise de 2008 sendo repercutida na Bolsa de Valores e na economia de diversos países.

No mesmo período observamos o PIB per capita dessas nações. O crescimento nesse fator foi bastante relevante nas nações do BRICS. Todavia, notamos ainda uma diferença considerável, mas já imaginada, quando a comparação é feita com os Estados Unidos. Em 1999 o PIB per capita dos EUA era 10 vezes maior que o do Brasil, 11 vezes que o da África do Sul, 40 vezes que o chinês, 77 vezes o da Índia e 26 vezes o da Rússia. Essa razão significativa na China e na Índia pode ser explicada, parcialmente, pelo tamanho das populações. No ano analisado, o Estados Unidos possuía uma população de 279 milhões, a China de 1.2 bilhão (mais de quatro vezes a dos Estados Unidos) e a Índia de 1.025 bilhão (quase quatro vezes a população estadunidense).

No ano de 2012, com a expansão econômica desses países, em termos de PIB, o PIB per capita dos Estados Unidos era quatro vezes maior que o do Brasil, sete vezes o da África do Sul, oito vezes o Chinês, 35 vezes o indiano e quatro vezes o da Rússia. Percebemos, assim, que a expansão foi expressiva em termos de PIB per capita. O crescimento russo e chinês são os mais impactantes, levando-se em conta que o PIB per capita estadunidense também variou positivamente no período, passando de 34.6 mil em 1999 para 51.5 mil em 2012, tendo um aumento de 49% no período analisado.

Gráfico 2 - PIB per capita nos países do BRICS e nos EUA – 1999/2012

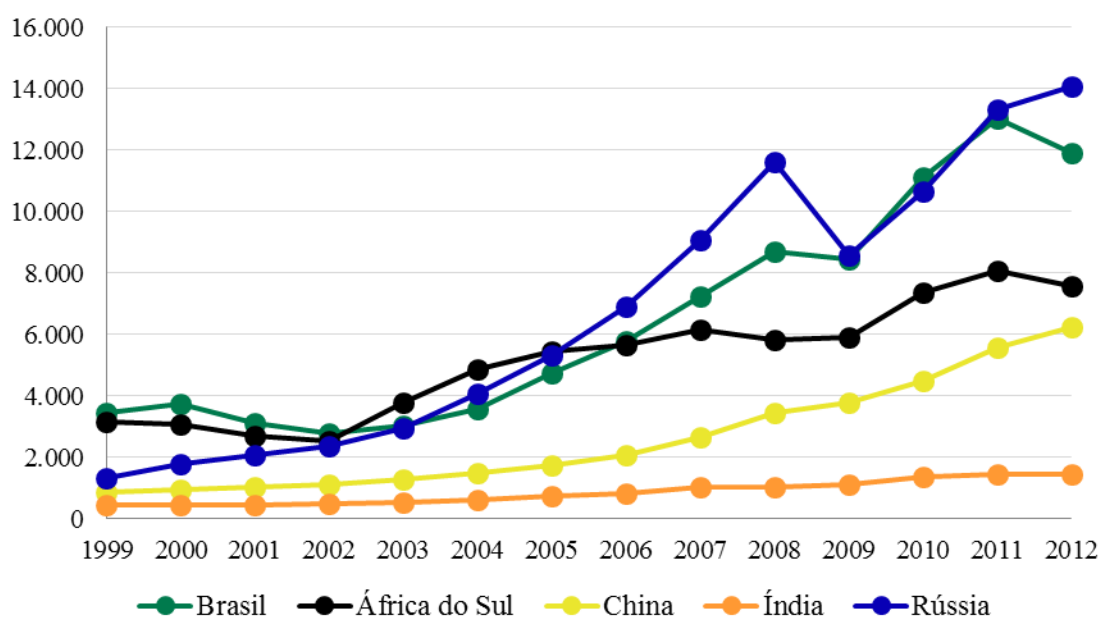


Fonte: World Bank

O gráfico acima expressa a diferença em termos brutos do PIB per capita em dólares das nações do BRICS em comparação com o Estados Unidos. Abaixo, temos as

mesmas informações, mas sem o EUA. Assim, podemos notar a queda do PIB per capita russo no ano de 2008, assim como expresso no gráfico da variação percentual em relação ao ano anterior. Mesmo com essa queda significativa, o PIB per capita russo foi aquela que sofreu maior aumento, como dito anteriormente, com variação de 958%. A China vem em seguida com 620% de aumento, o Brasil teve 243%, Índia 221% e, finalmente, a África do Sul apresentou 139% de crescimento.

Gráfico 3 - PIB per capita nos países do BRICS – 1999/2012

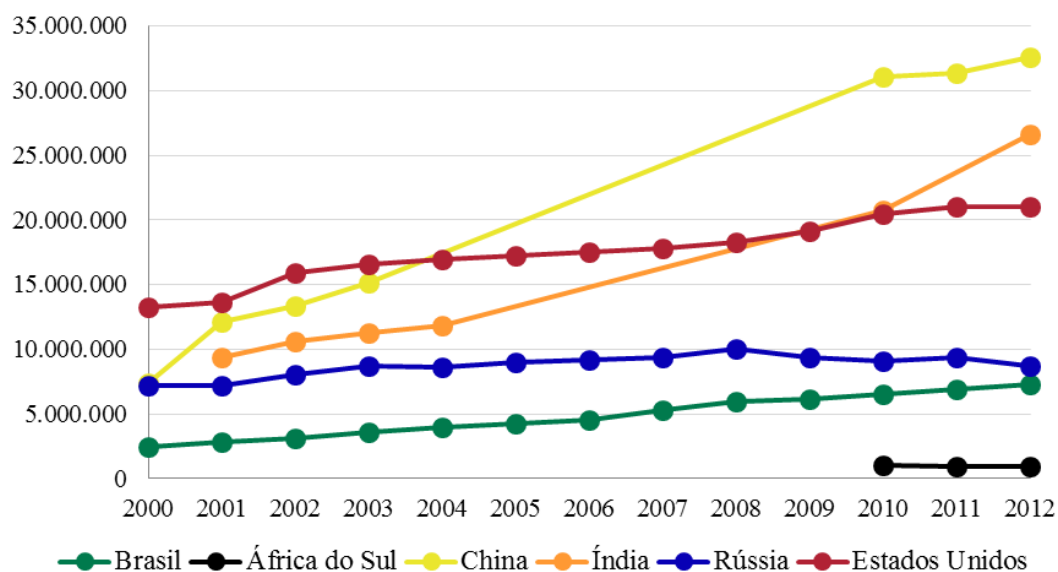


Fonte: World Bank

Como citado anteriormente, a hipótese central é a existência de uma relação entre o crescimento econômico e o número de matrículas. O gráfico 4 apresenta em números brutos as matrículas no ensino superior desses países. Ressaltamos que os anos que apresentam nenhuma matrícula não possuíam informação no banco de dados da OECD, a África do Sul passou a ter dados coletados e/ou disponibilizados a partir de 2010, ao mesmo tempo em que a China não possui dados de matrículas de 2004 a 2009, e a Índia de 2005 a 2009 e no ano de 2011. Contudo, com os dados restantes é possível fazer uma análise exploratória. No Brasil, notamos um crescimento gradual, da mesma forma que nos Estados Unidos, enquanto que ao imaginar uma linha de crescimento da China e da Índia o crescimento foi expressivo ao longo dos anos. Na primeira, o número de matrículas em 2003 era de um pouco mais de 15 milhões e passou para mais de 32 milhões

em 2012, tendo um crescimento de mais de 100%. Já na segunda, o número era de um pouco menos de 12 milhões em 2004 e passou para mais de 26 milhões, mais uma vez com um crescimento acima de 100%.

Gráfico 4 - Número de Matrículas no ensino superior dos países do BRICS e do EUA – 2000/2012



Fonte: OECD

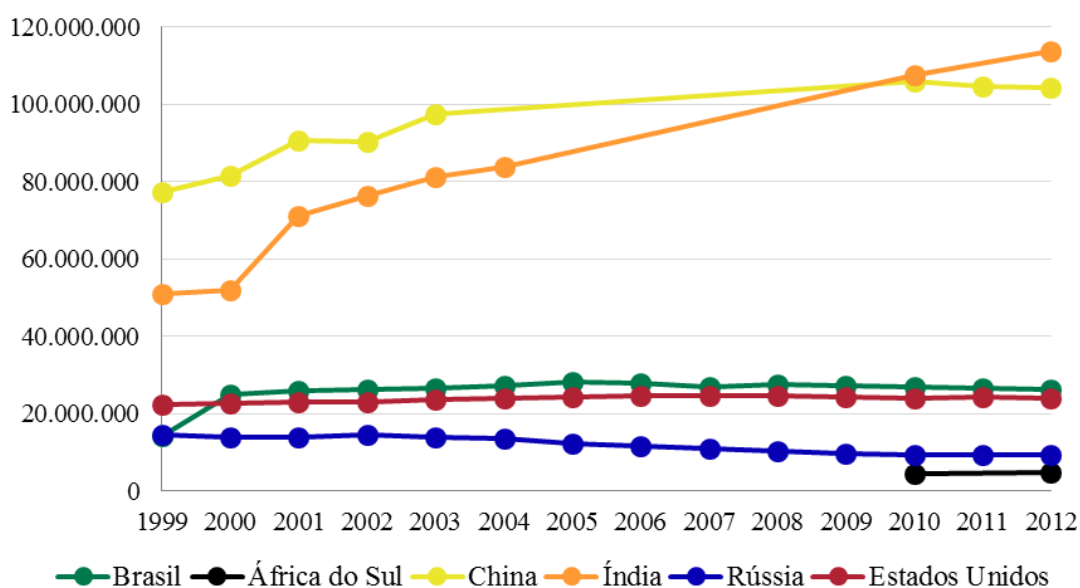
Uma das possíveis explicações para o aumento significativo do número de matrículas na Índia e, principalmente, na China é a busca por ter uma *World Class University*. Todavia, um estudo minucioso precisa ser realizado para compreender essa associação. Contudo, o aumento do número de matrículas e a procura por uma WCU, é mais presente na China por apresentar o projeto de WCU desde 1999.⁴

Parte da expansão nesses países pode também ser explicada pela ampliação do ensino secundário, principalmente na China e na Índia onde o acesso ao ensino sofreu um aumento considerável. O gráfico 5 exemplifica esse ponto. O número de estudantes no ensino secundário chinês cresceu 7% do ano de 2003 até 2012 e na Índia o crescimento foi de 40% no mesmo período, enquanto que nos EUA o aumento foi de um pouco mais de 1%. Já no Brasil e na Rússia houve decréscimo no número de estudantes, sendo no primeiro de aproximadamente 2% e no segundo de 34%.

⁴ Para saber mais sobre as WCUs, ver capítulo IV.

Na Rússia, essa relação é diferente, o aumento do número de matrículas no ensino superior russo parece não ter relação com a diminuição de matrículas do ensino secundário. Contudo, lembramos também que a Rússia foi o país que mais sofreu com a recessão de 2008, assinalada no gráfico 1. Já no Brasil o número de estudantes no ensino secundário permaneceu quase o mesmo. Ou seja, o aumento das matrículas do ensino superior não apresentou uma relação significativa com a estagnação do ensino secundário. Em seu artigo *“The Expansion of Higher Education in Brazil between 1982 and 2006: Disentangling Age, Period and Cohort Effects”* (2013), Collares mostra por meio da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílios) a comparação da população em 1982 e 2006 no ensino secundário e no ensino superior. O aumento da população de 14 – 17 anos foi expressivo no ensino secundário, e em 1982 representava 43% dos estudantes desse nível, passando para 60% em 2006. Porém, nesse mesmo período a idade da população com ensino superior cresceu, sugerindo que esse nível de ensino estava absorvendo um grupo já no mercado de trabalho e não os concluintes do ensino médio. Corbucci, em seu artigo *“Sobre a Redução das Matrículas no Ensino Médio Regular”* cita a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como uma possível explicação para a redução no número de matrículas no Ensino Secundário no Brasil pois o número de matrículas do EJA sofreu uma variação de 54% indo de 873 mil para 1.345.165 milhões.

Gráfico 5 - Número de Matrículas no Ensino Secundário dos países do BRICS e dos EUA – 1999/2012

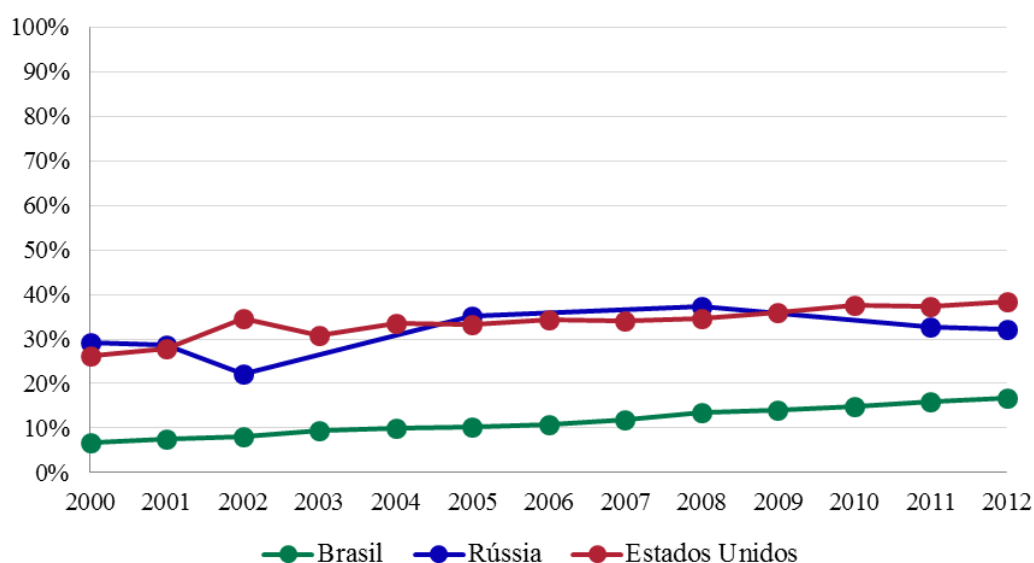


Fonte: OECD

Os gráficos seguintes mostram os percentuais de estudantes que estão matriculados no ensino superior em alguns dos países do BRICS e nos EUA. O primeiro trata da população de 20 a 24 anos e o segundo de 25 a 29 anos. A China e a Índia não possuem dados populacionais por idade, diante disto apresentam apenas o dado bruto como o gráfico do número de matrículas do ensino superior e ensino secundário. A escolha dessas medidas deu-se por se tratar de uma tendência mundial, onde as pessoas desse estrato etário são consideradas jovens-jovens e jovens-adultos. O cálculo foi feito conforme o número de estudantes naquele determinado ano, logo, os números de matrícula e de estudantes correspondem ao mesmo período.

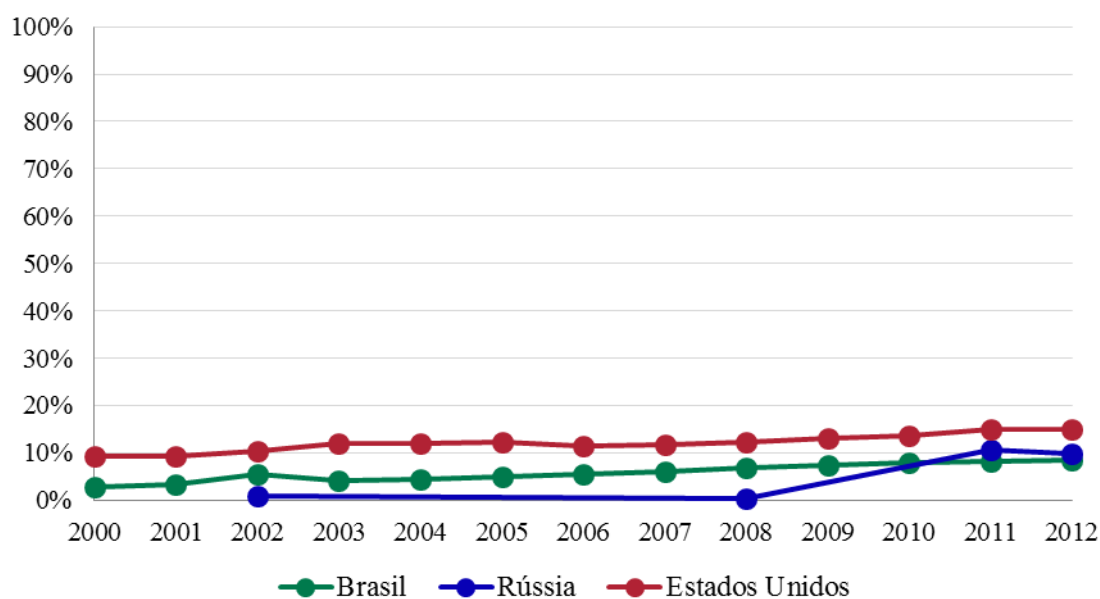
Em relação ao percentual de pessoas de 20 a 24 anos matriculadas no ensino superior nos países, ou seja, a taxa líquida de matrícula nesse nível de ensino, observamos um crescimento gradual no Brasil, passando de 6,84% em 2000 para 16,70% em 2012. Nos Estados Unidos, também houve uma expansão do número de pessoas de 20 a 24 anos, indo de 26,12% para 38,49%. Finalmente, na Rússia observamos variações: uma queda considerável no ano de 2002 (22,24%) e uma subida significativa no ano de 2011 com um percentual de 37,28%, todavia, de 2000 a 2012 teve um aumento de quase 3%. Em referência ao percentual de pessoas de 25 a 29 anos matriculadas no ensino superior, no Brasil foi de 2,89% para 8,56%. Já nos Estados Unidos foi de 9,40% para 14,94%. Por último, na Rússia foi de 1,05% em 2002 para 9,75% em 2012.

Gráfico 6 - Percentual de pessoas de 20 – 24 matriculadas no ensino superior nos países do BRICS e nos EUA – 2000/2012



Fonte: OECD

Gráfico 7 - Percentual de pessoas de 25 – 29 matriculadas no ensino superior nos países do BRICS e nos EUA – 2000/2012



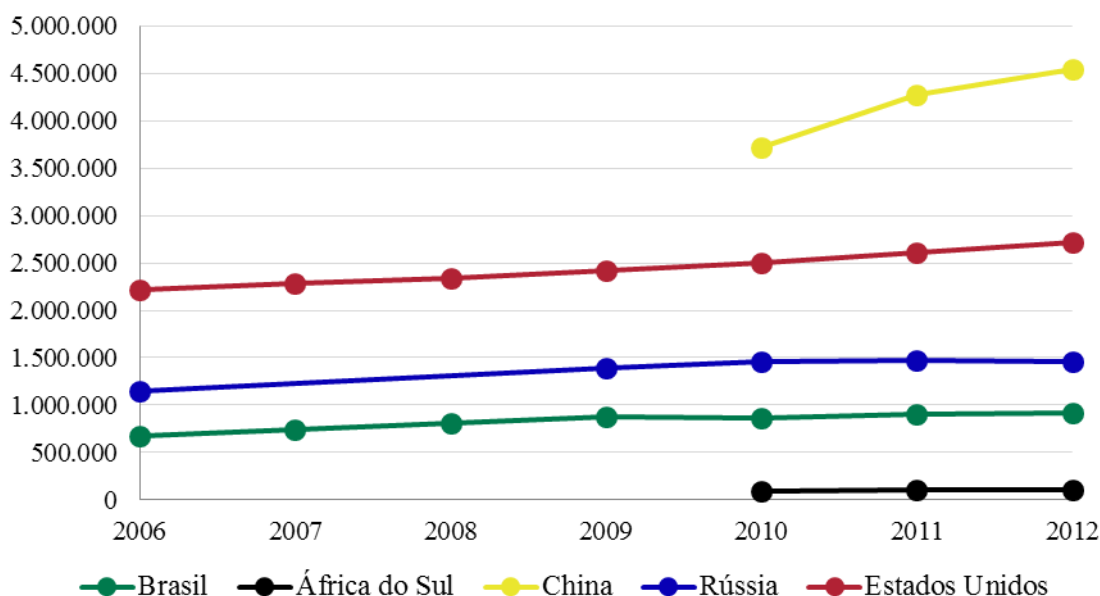
Fonte: OECD

Os dados seguintes são referentes aos graduados dos países do BRICS e dos EUA de acordo com o campo de educação no qual se formaram. Salientamos que: 1) China e a Índia não possuem dados específicos do campo de formação; 2) a Índia não apresenta informações gerais sobre o número de graduados; 3) os dados são mostrados a partir de 2006 pelo fato de ser o primeiro ano em que pelo menos três dos seis países possuem dados; 4) tornou-se inviável a análise de percentuais de graduados de 20 – 29 anos, pelo fato desses dados não serem apresentados por taxas educacionais, sendo assim, a África do Sul sempre apresentará o menor número de graduados por ter, também, a menor população em comparação com os países analisados; 5) os dados apresentam apenas os programas de educação superior com no mínimo três anos de formação teórica.

No gráfico 8 observamos o total de graduados desses países no período de 2006/2012. Calculando a variação dos graduados, todas as nações apresentam um crescimento do primeiro ano observado a 2012, ainda assim é preciso mencionar que esses países – exceto a Rússia - cresceram em termos populacionais, assim, parte da variação é explicada por esse aumento populacional. O Brasil apresenta o maior crescimento com um pouco mais de 36% nesse período, seguido pela Rússia com 26,2%,

China com 22,4%, Estados Unidos com 22,1% e África do Sul com 15,4%. A partir de 2010, a Rússia estagnou no número de graduados, enquanto que, no mesmo período, os outros países tiveram, pelo menos, o crescimento de 7%.

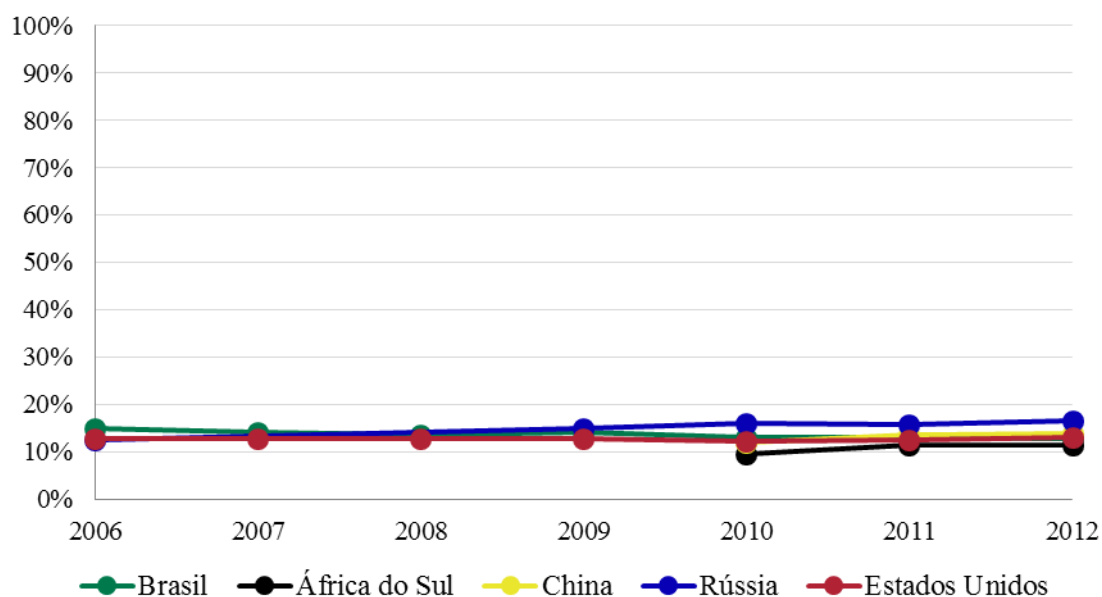
Gráfico 8 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA – 2006/2012



Fonte: OECD

Para elucidar de forma mais clara o quanto o número de graduados representa em cada nação, calculamos o percentual do número de graduados em relação ao número de matrículas no mesmo ano. No Brasil, o percentual vem se reduzindo. No ano de 2006, 14,81% de quem entrava no ensino superior se formava, enquanto que em 2012 o percentual foi de 12,74%. Na China o percentual aumentou de 2010 a 2012 passando de 11,98% para 13,97%, em média 13,21% dos matriculados terminavam o curso. Já na Rússia, o percentual foi de 12,56% para 16,64%, tendo em média 15,19% dos matriculados se formando. No que concerne aos Estados Unidos, o percentual não sofreu muita mudança, ficou entre 12,25% e 12,93% durante o período. Finalmente, na África do Sul o percentual de formandos em relação aos ingressantes foi de 9,41% em 2010 para 11,47% em 2012.

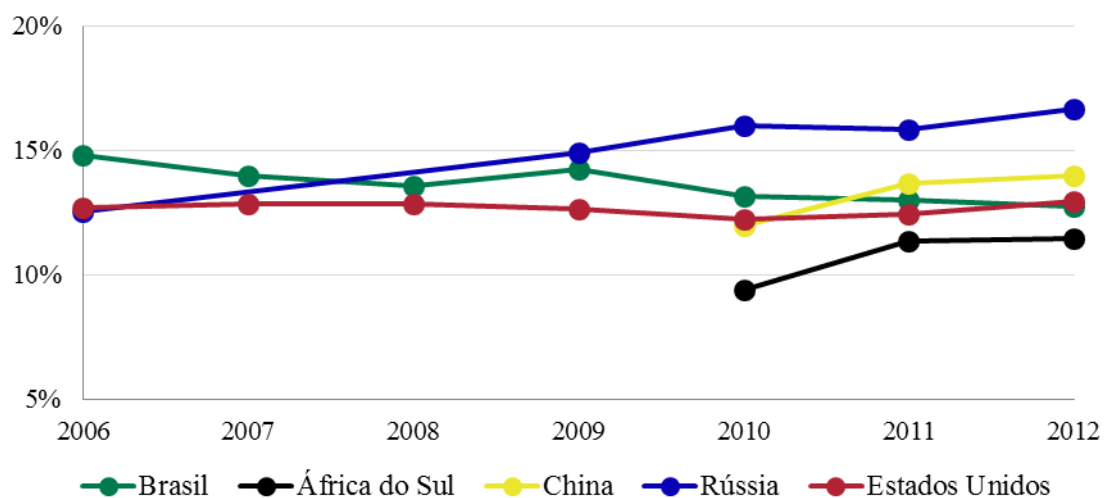
Gráfico 9 - Percentual de graduados dos países do BRICS e do EUA por número de matrículas – 2006/2012



Fonte: OECD

O gráfico abaixo mostra de forma mais clara a variação ano a ano da razão do número de graduados e número de matrículas.

Gráfico 10 - Percentual de graduados dos países do BRICS e do EUA por número de matrículas (eixo de 5% a 20%) – 2006/2012



FONTE: OECD

Os dados apresentados não contrariam nossa hipótese central da existência de uma relação entre o crescimento econômico e o número de matrículas. O crescimento econômico da China e da Índia foi o maior do período entre os países observados e esses países tiveram também maior crescimento no número de matrículas do ensino superior. Na China, o percentual de estudantes que se formam também cresceu, com isso, não é apenas a entrada de estudantes que expande no país, mas igualmente o percentual de formandos. Assim, o crescimento econômico pode estar associado, mais do que ao crescimento do número de ingressantes no ensino superior, ao percentual dos que se formam. Não apenas esses dois fatores mostram a expansão, mas também a estrutura do ensino superior. Em 2006 a Índia apresentava o terceiro maior sistema de Ensino – depois de China e EUA – com quase 18 mil instituições, sendo 348 universidades e 17.625 faculdades.

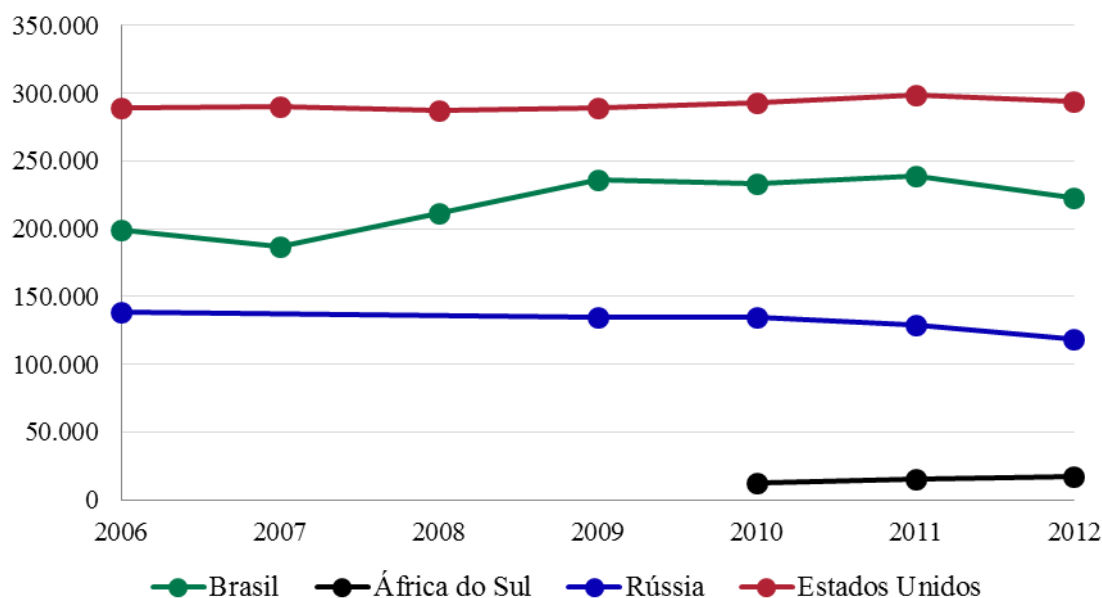
No Brasil o número de matrículas no ensino superior aumentou, como também o número de graduados, porém não a proporção ingressantes/graduados, o que demonstra um alto nível de evasão escolar. Finalmente, a Rússia sofreu grande queda e alta oscilação econômica no período – foi o mais prejudicado pela Grande Recessão – e seus resultados no ensino superior também foram inferiores. Vale dizer que na Rússia o percentual de pessoas de 20-25 anos no ensino superior vem aumentando (ao contrário do Brasil). Quanto ao percentual de graduados em relação ao número de matriculados observamos que essa taxa vem crescendo. Dentre os países estudados, é o que apresenta o menor índice de evasão.

II. CRESCIMENTO DO ENSINO SUPERIOR POR ÁREA DE FORMAÇÃO

Essa seção traz o número de graduados por área em cada país para o qual havia dados disponíveis. Nela, observamos as variações das áreas em cada país com o intuito de analisar os setores que mais crescem em cada um e se o crescimento econômico está associado com o crescimento das áreas de Ciências e Tecnologia, o que poderia alimentar a hipótese de crescimento econômico aumentando a demanda por profissionais nas áreas de indústria e tecnologia de ponta. A análise que fazemos é apresentada conforme a variação de graduados no período. Uma variação positiva significa que o número de graduados cresceu do primeiro ano (2006) em comparação a 2012 e vice-versa.

Na área de Educação, África do Sul e Brasil apresentam um crescimento, o primeiro de 35,8% e o segundo de 12%. Enquanto que o número de graduados nos Estados Unidos variou positivamente 1,5% - muito pouco se considerar o aumento populacional do país. Já na Rússia, a variação foi negativa de um pouco mais de 14%.

Gráfico 11 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA na área de Educação – 2006/2012

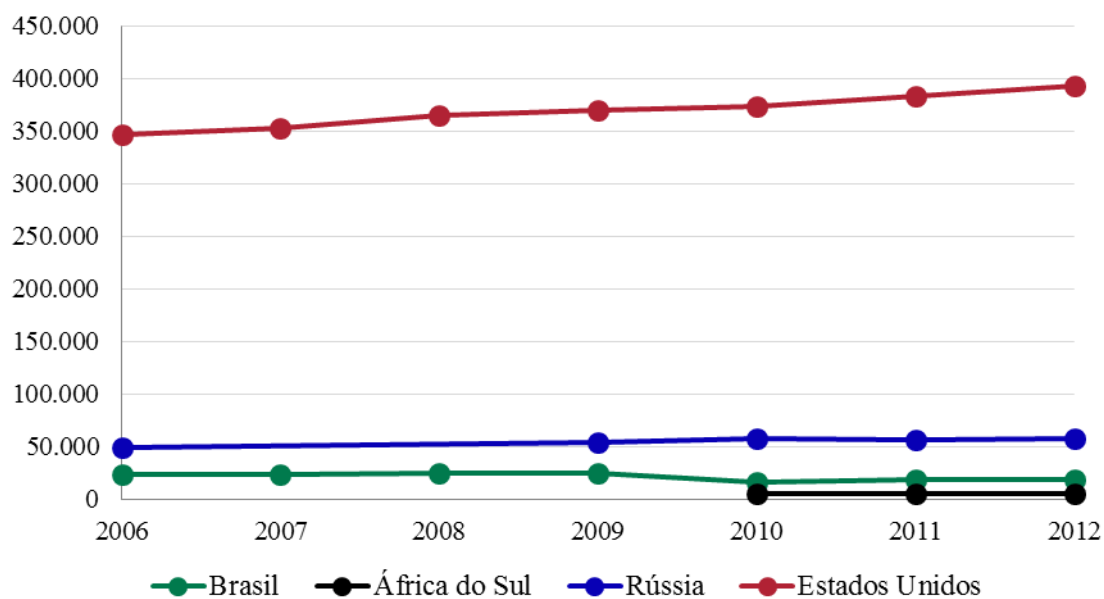


Fonte: OECD

No que concerne à área de Humanidades e Artes, Rússia e Estados Unidos apresentaram variações positivas com 16,4% e 13,3% respectivamente. Enquanto que, no

Brasil e na África a Sul a variação foi negativa, no primeiro de 20,4% e no segundo de 0,5%.

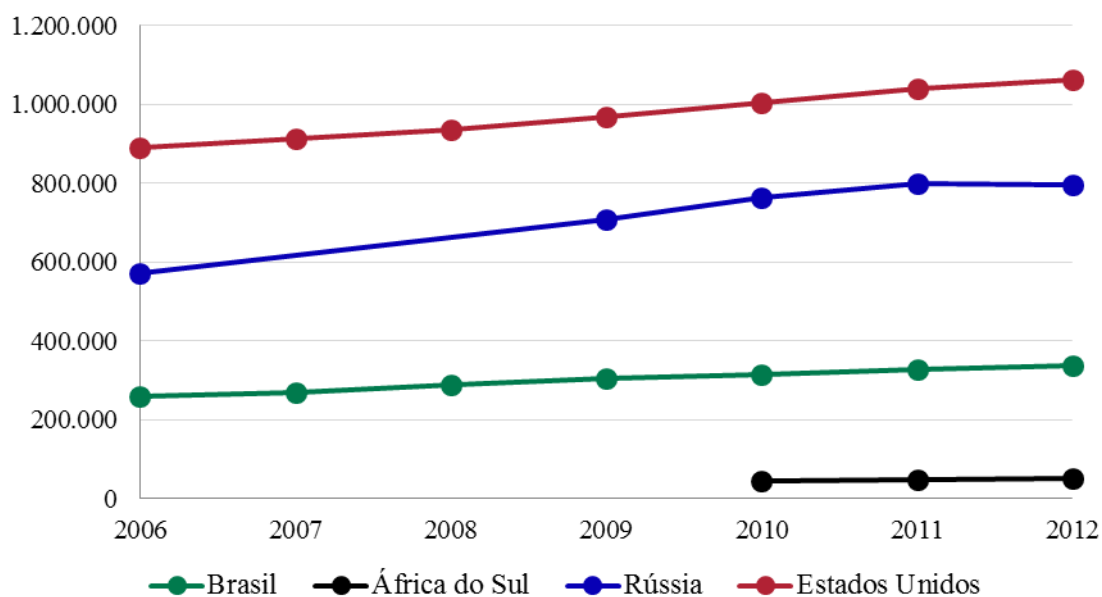
Gráfico 12 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA na área de Humanidades e Artes – 2006/2012



Fonte: OECD

Já no setor das Ciências Sociais, Negócios e Direito, a variação foi positiva, na Rússia o crescimento foi de 39,2%, no Brasil 29,4%, nos Estados Unidos 19,2% e na África do Sul 12,7%.

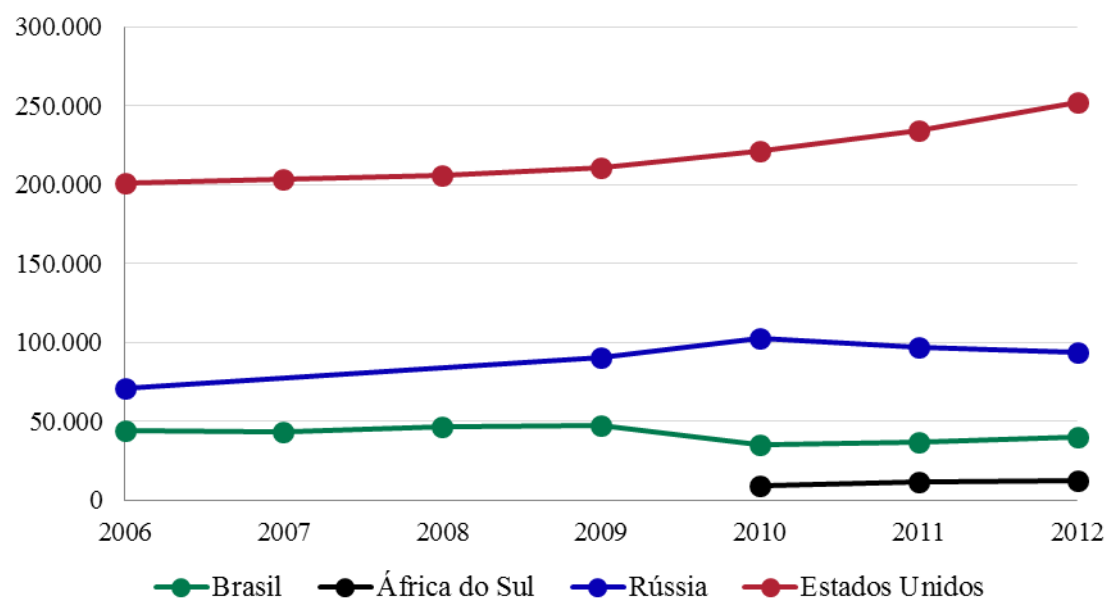
Gráfico 13 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA na área de Ciências Sociais e Negócios – 2006/2012



Fonte: OECD

Em referência ao ramo da Ciência, África do Sul, Rússia e Estados Unidos apresentam uma variação positiva com 37,3%, 31,9% e 25,3%, respectivamente. Já o Brasil apresenta uma variação negativa de 9,3% - se a comparação fosse feita com o ano de 2010, a variação seria ainda menor, sendo um pouco mais de 20%.

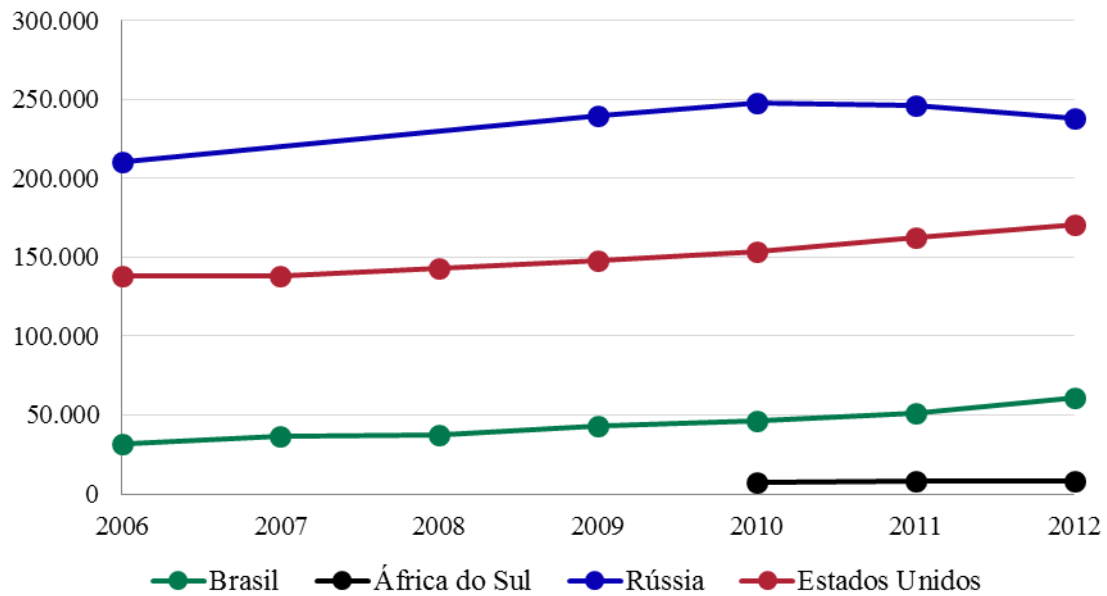
Gráfico 14 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA na área de Ciências – 2006/2012



Fonte: OECD

Em relação ao setor de Engenharia, Manufatura e Construção, os países analisados apresentaram uma variação positiva. No Brasil, o número de graduados cresceu um pouco mais de 91%, na Rússia foi de 12,7%, na África do Sul de 12,2% e nos Estados Unidos 23,8%.

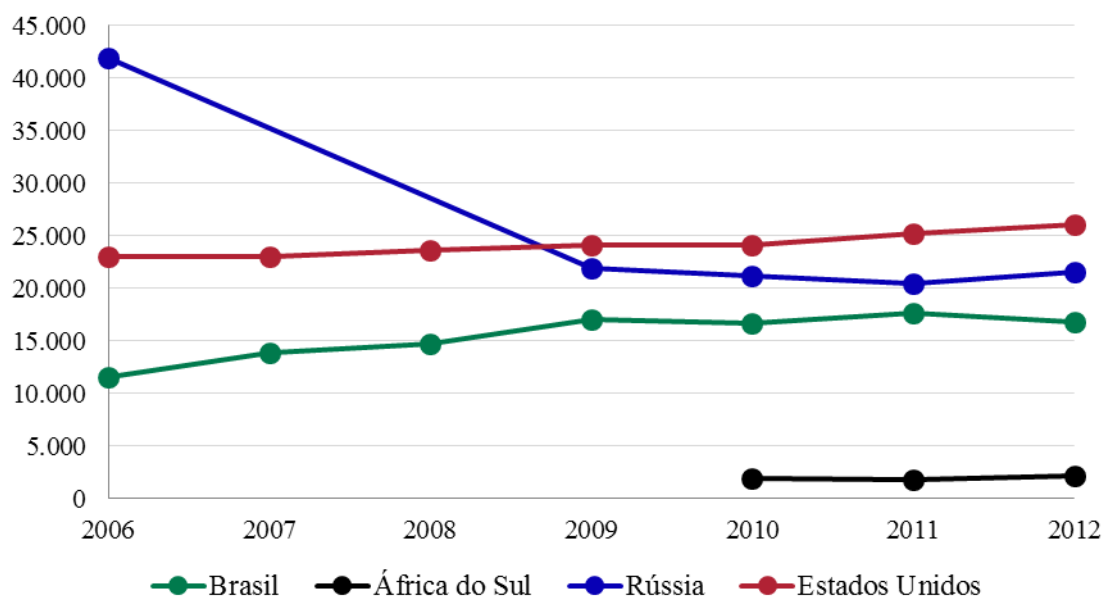
Gráfico 15 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA na área de Engenharia, Manufatura e Construção – 2006/2012



Fonte: OECD

Na área de Agricultura, a maior variação positiva é do Brasil com 45,1%, Estados Unidos e África do Sul também apresentam uma variação positiva, o primeiro com 13% e o segundo 315%. Já na Rússia, a variação foi negativa e de 48,4%.

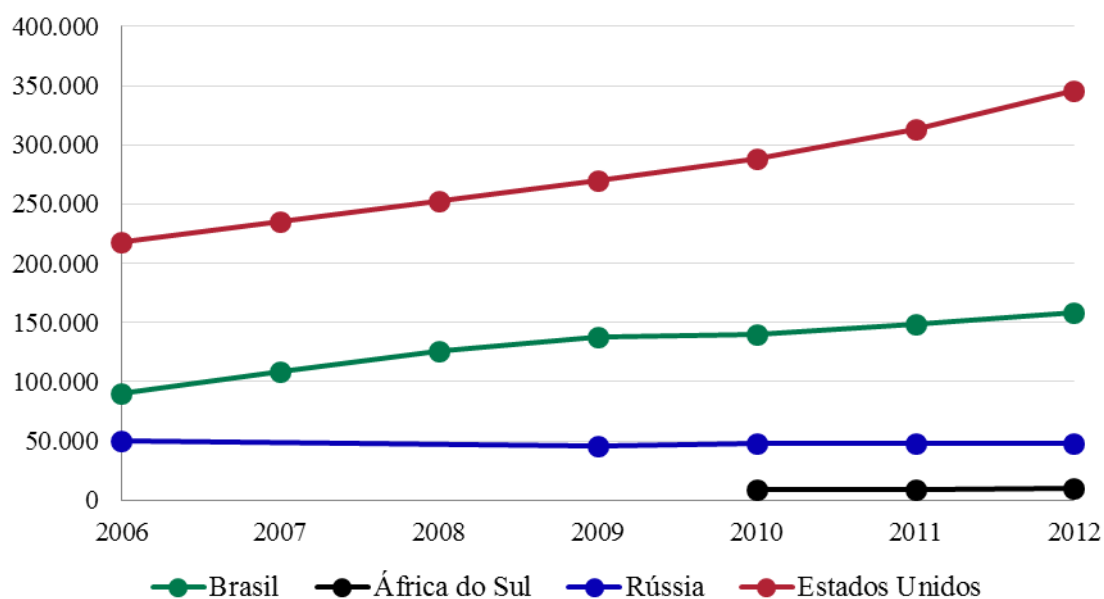
Gráfico 16 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA na área de Agricultura
– 2006/2012



Fonte: OECD

No ramo de Saúde e Bem-Estar, Brasil e Estados Unidos apresentam as maiores variações positivas: no Brasil de 76,9% e nos Estados Unidos de 58,8%. Na África do Sul a variação também é positiva, porém foi de 4,1%. Enquanto que na Rússia a variação foi 3,1% negativa.

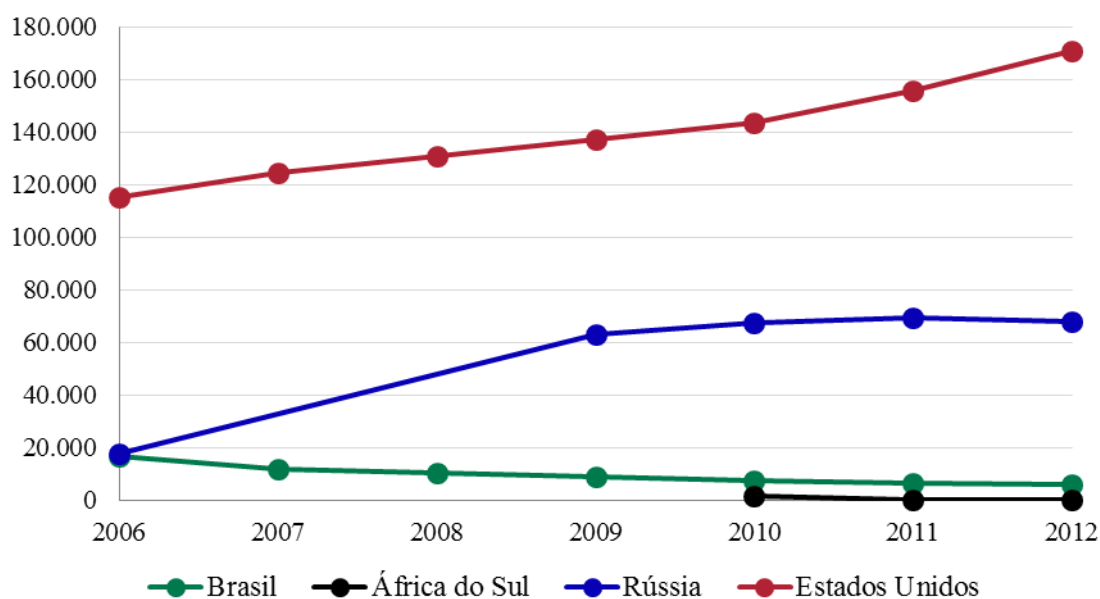
Gráfico 17 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA na área de Saúde e Bem-Estar – 2006/2012



Fonte: OECD

O último setor analisado é o de Serviços, as variações dessa área são as mais significativas. A Rússia apresenta uma variação positiva de 286,5%, sendo a maior variação (negativa ou positiva) apresentada. Nos Estados Unidos, a variação é positiva e de 48,4%. Ao passo que na África do Sul e no Brasil a variação foi negativa, respectivamente de 72,5% e 64,8%.

Gráfico 18 - Total de graduados dos países do BRICS e do EUA na área de Serviços – 2006/2012



Fonte: OECD

Das oito áreas analisadas, o Estados Unidos apresentou um crescimento no número de graduados em todas elas, com um aumento de quase 60% nos setores de Saúde e Bem-Estar e Serviços. Na África do Sul, observamos o crescimento em seis áreas, no trimestre de 2010/2012 o que chama mais atenção é a variação negativa de 72,5% no ramo de Serviços, enquanto que as maiores variações positivas foram nos setores de Educação (35,8%) e Ciência (37,3%). No Brasil e na Rússia o crescimento foi positivo em cinco setores. No Brasil, uma variação positiva de pelo menos 45% é vista em três áreas: Engenharia, Manufatura e Construção; Agricultura; Saúde e Bem-Estar, enquanto que no setor de Serviços a variação negativa é de quase 42%. Finalmente, na Rússia observamos uma variação positiva de 286,5% no setor de Serviços, já nas áreas de Ciências Sociais, Negócios e Direito e Ciência o crescimento foi de mais de 39%. Em relação a variação negativa, a área de Agricultura apresentou a maior redução com mais de 48%.

Tabela 3 - Variação de graduados entre 2006 e 2012 nos setores

Áreas	Brasil	Rússia	África do Sul*	Estados Unidos
Educação	12%	-15%	36%	2%
Humanidades e Artes	-20%	16%	0%	13%
Ciências Sociais, Negócios e Direito	29%	39%	13%	19%
Ciência	-9%	32%	37%	25%
Engenharia, Manufatura e Construção	91%	13%	12%	24%
Agricultura	45%	-48%	15%	13%
Saúde e bem-estar	77%	-3%	4%	59%
Serviços	-65%	287%	-73%	48%

* - os dados da África do Sul são referentes a variação de 2010 a 2012

Fonte: OECD

As variações positivas apresentadas podem estar ligadas com os investimentos ou ampliações dos países nesses setores. Na África do Sul observamos aumento nas áreas de Ciência e Tecnologia, Educação e Ciências Sociais Aplicadas. No Brasil notamos o crescimento nas áreas da Saúde, Agricultura, Engenharias e Ciências Sociais Aplicadas. Na Rússia os aumentos são nos setores de Serviços, Ciência e Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas. Finalmente, nos EUA o crescimento é visto nas áreas de Saúde e de Serviços. Com esses dados observamos: 1) o crescimento no setor das Ciências Sociais Aplicadas; 2) o aumento em áreas distintas em cada país. Se o aumento de certos setores está ligado com os investimentos das nações nessas áreas, era de se esperar que o aumento do número de graduados fosse em setores distintos, como, também, a variação vista no setor de serviços em cada país.

Tabela 4 - Variação do PIB e variação dos setores específicos entre 2006 e 2012

Categorias	Brasil	Rússia	África do Sul*	Estados Unidos
PIB per capita	96%	103%	-8%	11%
Ciência	-9%	32%	37%	25%
Engenharia, Manufatura e Construção	91%	13%	12%	24%
Saúde e bem-estar	77%	-3%	4%	59%

* - os dados da África do Sul são referentes a variação de 2010 a 2012

Fonte: OECD e World Bank

A tabela 4 mostra a variação PIB per capita e a variação do número de graduados por área. Em relação ao Brasil. Percebemos que não há uma clara correlação entre os investimentos constantes do PIB e as áreas de crescimento do ensino superior nos países analisados. No Brasil houve uma queda na área de Ciência e um aumento significativo nos setores de Engenharia e Saúde. Assim, se há uma relação entre crescimento econômico e ensino superior, esta não parece estar diretamente associada à uma demanda por mão de obra qualificada nas áreas de tecnologia e indústria, em nenhum dos países analisados (SCHWARTZMAN 2004). Na Rússia podemos observar o contrário já que a área de Ciência teve um crescimento considerável, embora, nesse país o aumento mais expressivo foi no setor de serviços.

Na conclusão de Simon Schwartzman

O pressuposto de que o ensino superior está se expandindo para fornecer capital humano mais qualificado para o desenvolvimento econômico e tecnológico é contestado pelo fato de que a maior parte do crescimento das matrículas ocorre no campo das ciências sociais, das humanidades e das profissões sociais, bem como em Educação, em vez de Ciência, Tecnologia e Engenharia. Até certo ponto, essa tendência corresponde ao fato de que, com exceção da China, o setor industrial está diminuindo de tamanho, enquanto o setor de serviços, incluindo educação e saúde, mostra um crescimento constante. Mas também reflete o fato de que muitos estudantes que chegam e têm acesso ao ensino superior são prejudicados por uma escolaridade muito fraca, e não conseguem seguir as exigências acadêmicas das profissões de base científica. (SCHWARTZMAN, 2015, p. 286)

A fala de Schwartzman mostra que muito precisa ser feito para que sejam auferidos benefícios públicos, e não apenas privados (aumento da renda pessoal e status ocupacional e social), da expansão do ensino superior nesses países. Por outro lado, o fato de que os setores de educação e saúde, por exemplo, estão se expandindo mais no Brasil, pode ser um sinal de maior desenvolvimento econômico e social, o que expandiria a demanda nessas áreas. Além disso, não podemos descartar essa relação a partir dos dados acima, uma vez que o único setor em que todos os três países do BRICS analisados tiveram uma variação positiva razoável no crescimento foi o setor de Engenharia, Manufatura e Construção, claramente associado ao crescimento econômico.

III. MOBILIDADE INTRAGRUPO

Finalmente, resta analisar a mobilidade de estudantes entre países e sua relação com o crescimento econômico. Todavia, antes dessa investigação mais específica, trataremos uma análise mais abrangente da mobilidade intragrupo sem o enfoque educacional. Entretanto, salientamos que o dado abaixo, coletado a partir do banco de dados do *World Bank*, não contém o número de pessoas dos países do BRICS que tiveram como destino a Rússia.

Entre 1960 e 2000, tivemos mais de 365 mil pessoas móveis dentro dos países do BRICS, número subestimado com a falta de informação de pessoas com destino a Rússia. Dessas 365 mil pessoas, 25% delas, ou seja, aproximadamente 91 mil são indianos que tiveram como destino a África do Sul. Outras 17%, quase 63 mil, são chinesas com destino a Índia, por fim, mais 17% são russas com destino ao Brasil.

Em relação aos brasileiros, aproximadamente 23 mil deles tiveram como destino China, Índia ou África do Sul. A China foi o destino que mais cresceu o número de brasileiros, com um aumento de 21.000% quando comparamos 2000 a 1960. Essa nação representa 85% das pessoas que migraram para um dos três países, enquanto que a África do Sul é destino dos outros 15%. Já a Índia apresenta um número bastante baixo de brasileiros nos anos em questão, podemos considerar como falta de dado do *World Bank* ou, de fato, poucos brasileiros possuem como destino a Índia.

Tabela 5 - País de destino dos brasileiros

País de Destino	1960	1970	1980	1990	2000	Varição 1960-2000
China	77	382	296	2.409	16.246	20.999%
Índia	0	9	0	16	0	-
África do Sul	116	470	828	786	1.241	970%

FONTE: World Bank

Já 119 mil chineses tiveram como destino o Brasil, a Índia e a África do Sul. A Índia é o país com o maior número de chineses, sendo destino de mais da metade dos migrantes. Pelo baixo número de indivíduos, talvez por falta de informações do banco de dados, a variação positiva de 108% foi calculada entre 1960 e 1990. O aumento mais acentuado foi de chineses que tiveram como destino a África do Sul, passando de 2 mil em 1960 para mais de 5 mil em 2000. Finalmente, o Brasil é destino de 37% dos chineses no período analisado.

Tabela 6 - País de destino dos chineses

País de Destino	1960	1970	1980	1990	2000	Varição 1960-2000
Brasil	5.798	8.117	11.362	8.475	10.287	77%
Índia	8.480	5.986	30.673	17.647	26*	108**%
África do Sul	2.044	1.937	1.800	1.177	5.163	153%

FONTE: World Bank

** - variação calculada de 1960 - 1990

No que se refere aos indianos, 101 mil tiveram como nação de destino o Brasil, a China e a África do Sul. 90% deles tiveram como destino a África do Sul, no entanto, o número de indianos nesse país caiu 35%. Mesmo assim, a nação é destino de 90% dos indianos do período analisado. O número de indianos na China cresceu de forma significativa em 2000, passando de 349 em 1990 para 5.767 em 2000. Um estudo torna-se interessante para verificar o motivo desse aumento. Também cresce, 190%, o número de indianos no Brasil quando comparados 1960 e 2000.

Tabela 7 - País de destino dos indianos

País de Destino	1960	1970	1980	1990	2000	Varição 1960-2000
Brasil	262	357	1.014	693	759	190%
China	38	826	127	349	5.767	15076%
África do Sul	26.279	21.765	16.833	8.897	17.047	-35%

FONTE: World Bank

Sobre a mobilidade de sul-africanos, 98% deles tem como destino a Índia. Com isso, percebemos a existência de uma migração significativa entre esses dois. Acreditamos que dos motivos possa ser a língua inglesa como idioma recorrente na Índia, assim, atrai um quantitativo expressivo de sul-africanos, ao país, como também de indianos à África do Sul. Os sul-africanos com destino ao Brasil aumentou 102% quando comparamos 1960 e 2000.

Tabela 8 - País de destino dos sul-africanos

País de Destino	1960	1970	1980	1990	2000	Variação 1960-2000
Brasil	217	58	122	386	438	102%
China	1	4	0	6	30	2900%
Índia	9.327	3.759	5.266	23.364	9.041	-3%

FONTE: World Bank

Finalmente, 69 mil russos têm como destino Brasil, China, Índia e África do Sul. 88% deles migram para o Brasil e 11% para a África do Sul. Esses dois países apresentam uma redução média de 70% quando comparamos 1960 e 2000, ainda assim, continuam sendo o principal destino dos russos quando relacionados com os países do BRICS. Os russos com destino a China cresceram 328% no período analisado, enquanto que a Índia aparenta não ser um destino visado por essa população.

Tabela 9 - País de destino dos russos

País de Destino	1960	1970	1980	1990	2000	Variação 1960-2000
Brasil	21.875	16.133	10.095	6.278	6.490	-70%
China	145	134	17	99	620	328%
Índia	1	1	0	3	0	-100%
África do Sul	2.093	1.777	1.429	1.448	590	-72%

FONTE: World Bank

Com a análise acima, observamos que existe uma ‘ponte’ migratória entre a África do Sul e a Índia. Localidade, cultura e língua são os principais motivos que fazem com que pessoas migrem para países específicos. Nesse aspecto, a língua pode significar um motivo significativo para que exista essa ponte. Também, observamos um número bastante expressivo na ‘ponte’ China e Brasil, 85% dos brasileiros migram para a China, esse crescimento é acentuado, principalmente, no último período, apesar disso, um aumento de 21.000% em quarenta anos é um quantitativo relevante. Oliveira, no seu estudo “Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica” salienta que:

A China, com seu impressionante crescimento econômico, não deixa de representar uma grande oportunidade para a ampliação das relações comerciais e econômicas entre os dois países. Desnecessário apontar os setores, da agricultura a manufaturados, da cooperação tecnológica a serviços de engenharia, de áreas estratégicas como siderurgia e hidrocarbonetos a patentes de produtos farmacêuticos, entre tantos outros que se abrem para a possibilidade de uma cooperação frutífera a ambos. No entanto, pode-se apontar como um fator favorável à maior presença brasileira no mercado chinês a construção anterior de um clima de confiança mútua e delineando,

através de uma ação conjunta no plano internacional, o que se convencionou denominar de uma *parceria estratégica*. (OLIVEIRA, 2004)

O aumento de pessoas que tem como destino a China cresceu em todos os países quando comparado 1960 e 2000. O número de sul-africanos continua baixo, porém ainda é maior que em 1960 – indo de um sul-africano para 30. O aumento do número de indianos com destino a esse país é tão significativo quando o de brasileiros. A China, pelo crescimento econômico e por sua importância política torna-se bastante visada por habitantes do resto do mundo, e nas nações do BRICS isso não é diferente.

3.1 Mobilidade de estudantes

Finalmente, entrando no campo educacional, de acordo com o *Academic Ranking of World Universities* (ARW) de 2010, 90% das universidades estão em países avançados economicamente e distribuídos do hemisfério norte do globo, principalmente EUA e Reino Unido. Logo, a mobilidade é expressiva para essas localidades. De modo que os países do BRICS apresentavam e continuam apresentando um fluxo constante e significativo de estudantes para a União Europeia, para países do mesmo continente ou para nações de língua inglesa. Esse padrão vai de acordo com o que acontece na maioria das nações, as localidades que apresentam um número elevado de estudantes estrangeiros são aquelas que se enquadram nos grupos citados. Nos países em desenvolvimento o aumento do número de estudantes móveis é crescente. Uma variável capaz de explicar parte dessa ampliação é o aumento do prestígio da instituição, além da absorção da cultura e da qualidade do estudante estrangeiro.

Nações como China, Índia e Coréia são aquelas que apresentam um dos maiores crescimentos no número de estudantes móveis. Esses países buscam desenvolver ações específicas para atrair estudantes e levar seus programas educacionais para outras regiões. O crescimento da China e da Coréia pode ser explicado pela busca por universidades padrões mundiais. Ambos os países apresentaram projetos que visam o surgimento de instituições globais, ou seja, que possuam programas de pesquisas com o foco em questões mundiais, além de políticas que procuram trazer estudantes de diversos países e, também, profissionais.⁵

⁵ No capítulo IV do estudo trataremos mais explicações sobre as universidades padrão mundial.

Analisando a mobilidade dos estudantes dos países do BRICS de 1999 a 2012, observamos que os principais destinos são: 1) países do G6; 2) países de língua inglesa (principalmente os estudantes da África do Sul); 3) nações com línguas semelhantes (estudantes brasileiros indo para Espanha e Cuba); 4) países com localidades próximas (discentes indianos indo para os Emirados Árabes e Ucrânia ou estudantes chineses indo para a Coreia do Sul, Macau e Hong Kong); 5) países que fazem fronteira (estudantes russos indo para a Ucrânia, o Cazaquistão, Finlândia e Bielorrússia). Porém, o que percebemos, é que as trocas de estudantes entre os países do próprio BRICS ainda são incipientes— talvez por não estarem compreendidas nesses pontos e suas populações não se verem como um grupo. Se essa mobilidade se relaciona com o crescimento econômico, era de se esperar que tais países começassem a “trocar” mais estudantes entre si, ainda que em pequenas quantidades e isso foi verificado, conforme procuramos mostrar a seguir.

Torna-se essencial ressaltar que os dados da OECD não fornecem o número de estudantes que tem como destino a China. Dessa nação apenas temos o número que chegam a outros países. Os gráficos de mobilidade trazem uma comparação de estudantes que saíram dos países do BRICS e ficaram dentro desse grupo e em comparação com os Estados Unidos. O que percebemos é que os EUA continua sendo uma das principais nações de destino de estudantes de todo o mundo, isso não é diferente para os estudantes móveis dos países do BRICS. A diferença é bastante significativa podendo ser explicada pelo ensino superior estadunidense continuar sendo um dos destinos mais visados pelos estudantes. Porém, uma análise mais aprofundada dos acordos de cooperação dos BRICS e do Estados Unidos ainda torna-se relevante para fazer essa associação. Logo, é preciso levar em conta o número de acordos de cooperação e o grau deles, a “Universidade do BRICS” coloca em pauta uma nova estruturação para atrair os estudantes.

O número de estudantes chineses nos EUA foi de um pouco mais de 50 mil em 2000 para mais de 200 mil em 2012, já o número de estudantes indianos duplicou no mesmo período. Na África do Sul e na Rússia o número de estudantes móveis desses países que foram para os Estados Unidos diminuiu de 2000 a 2012. Em 2002, o número de estudantes sul-africanos era de 2.232 estudantes, já em 2012 caiu para 1.559. Também em 2002, 6.722 estudantes russos foram para os EUA, em 2012 o número passou para 4.654. Os estudantes brasileiros apresentam situações distintas com picos em 2002 e de 2009 a 2012, enquanto que em 2006 e 2007 apresentou número baixo de estudantes brasileiros. Dessa análise observamos que em 2002 algum tipo de política estadunidense

proporcionou o aumento do número de estudantes móveis dos países do BRICS, isso ocasionou um pico no número de estudantes móveis. Seria necessário outro estudo para saber o motivo desse pico de estudantes e observar se é exclusivo dos estudantes do BRICS ou algo mais geral.

Abaixo apresentamos os gráficos que mostram a mobilidade de estudantes das nações do BRICS com destino aos outros países do grupo (linha roxa) e a ao EUA (linha vermelha). É possível observar a diferença expressiva no número de estudantes.

Gráfico 19 - Estudantes brasileiros

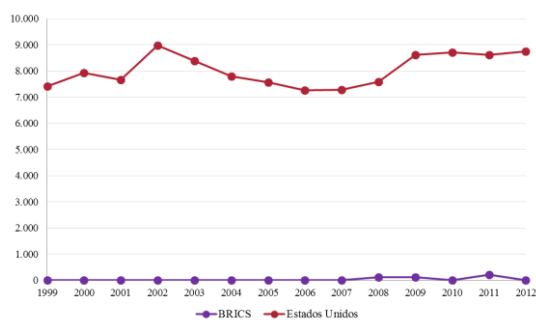


Gráfico 20 - Estudantes chineses

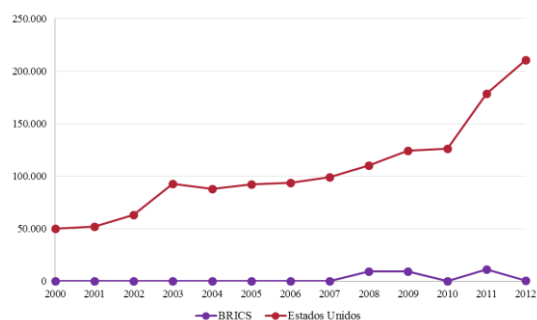


Gráfico 21 - Estudantes indianos

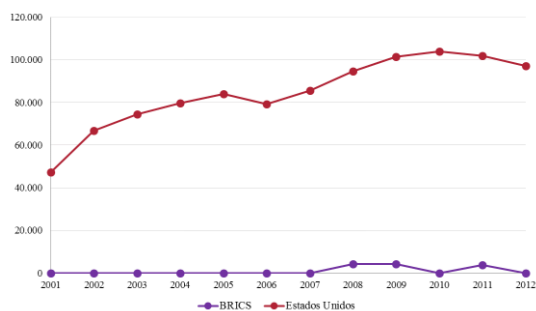


Gráfico 22 - Estudantes russos

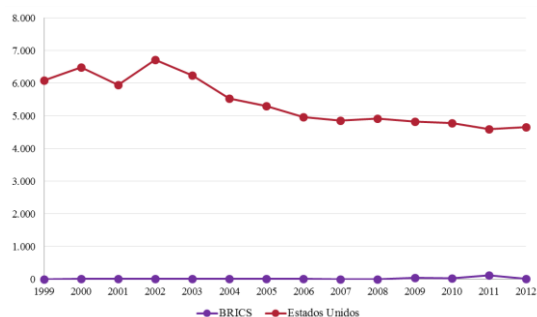
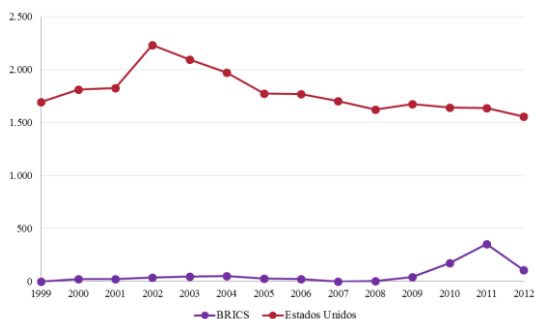


Gráfico 23 - Estudantes sul-africanos



FONTE: OECD

Em relação à mobilidade intragrupo, a análise realizada foi por triênio. O intuito é mostrar a diferença do número de estudantes do primeiro triênio (2001/2003) para o último (2010/2012) e como a mobilidade cresceu de forma significativa. Salientamos o fato de que se o país não foi citado como destino dos estudantes móveis, a informação não constava na base de dados da OECD ou nenhum estudante teve o país como destino. Sobre os estudantes sul-africanos, 105 tiveram como destino o Brasil, a Índia e/ou a Rússia no triênio de 2001/2003, enquanto que no triênio de 2010 e 2012 esse número passou para 637 estudantes. No primeiro triênio 12 estudantes brasileiros tiveram como destino a Índia e/ou a Rússia, de 2010/2012 esse número passou para 210 estudantes. Já em relação aos estudantes chineses, de 2001/2003, 62 estudantes tiveram como destino o Brasil, a Índia, a Rússia e/ou a África do Sul, esse número passou para 12.610. No que concerne aos estudantes indianos, dois estudantes tiveram como destino o Brasil no primeiro triênio, mas esse número passou para 3.794 estudantes para o Brasil, África Sul e/ou a Rússia. Finalmente, em relação aos estudantes russos, o número de estudantes que foram para Brasil, Índia e/ou África do Sul foi de 35 no primeiro triênio, e esse número passou para 176 de 2010 a 2012.

Para apresentar o que foi exposto acima de forma mais clara, a tabela abaixo apresenta o número de estudante móveis por triênio e o país de destino.

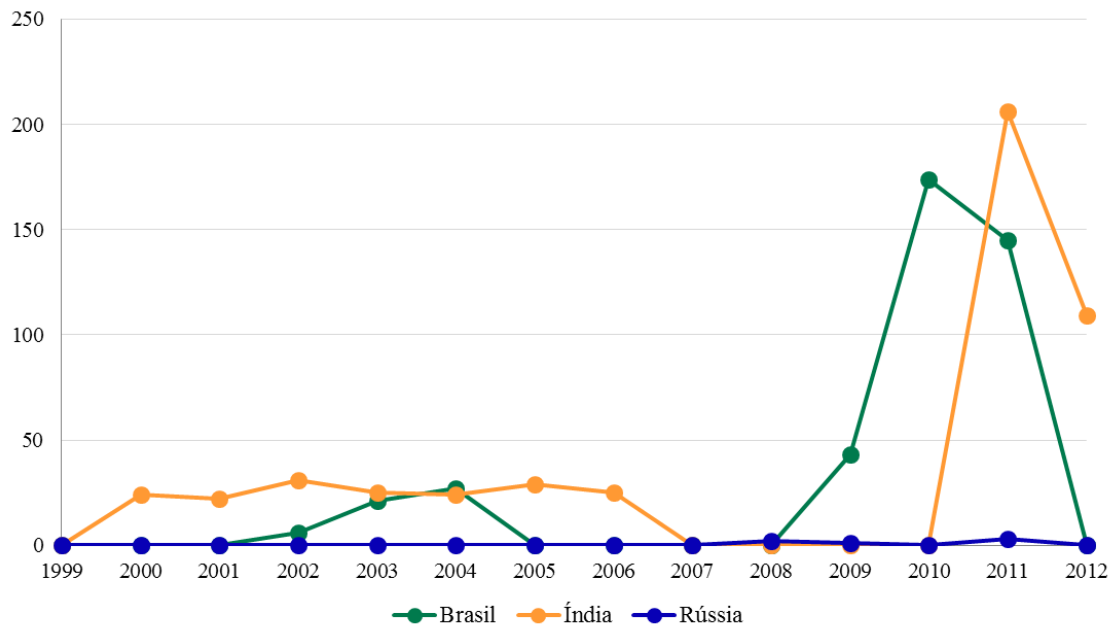
Tabela 10 - País de destino intragrupo dos estudantes

Saída	Triênio 2001/2003	Triênio 2010/2012	Países de destino
Brasil	12	210	Índia e/ou Rússia
África do Sul	105	637	Brasil, Índia e/ou Rússia
China	62	12.610	Brasil, Índia, Rússia e/ou África do Sul
Índia	2	3.794	Brasil, Rússia e/ou África do Sul
Rússia	35	176	Brasil, Índia e/ou África do Sul

FONTE: OECD

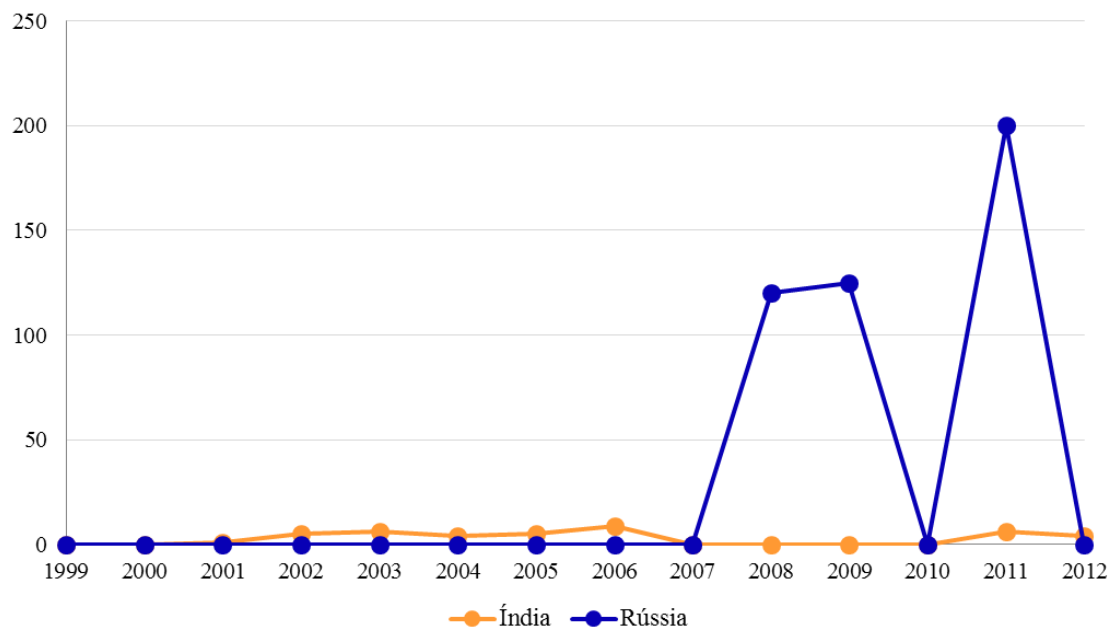
Como forma de apresentar essa mobilidade por ano, os gráficos abaixo mostram a mobilidade por ano e o destino dos estudantes móveis com destino intragrupo.

Gráfico 24 - Estudantes que saíram da África do Sul para países do BRICS – 2006/2012



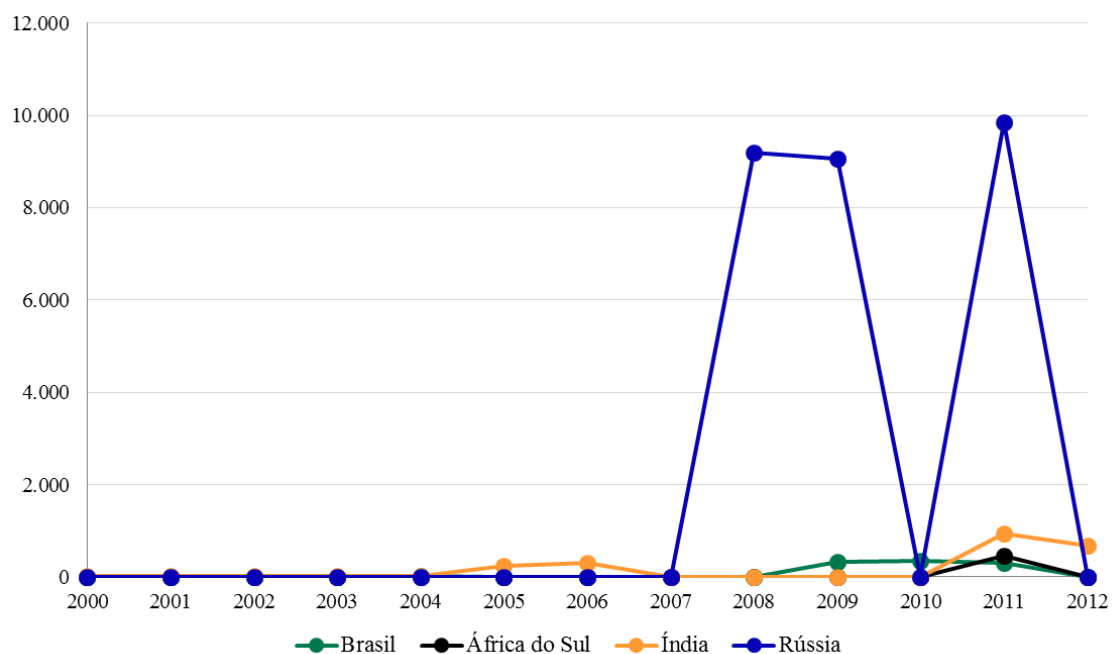
Fonte: OECD

Gráfico 25 - Estudantes que saíram do Brasil para países do BRICS – 2006/2012



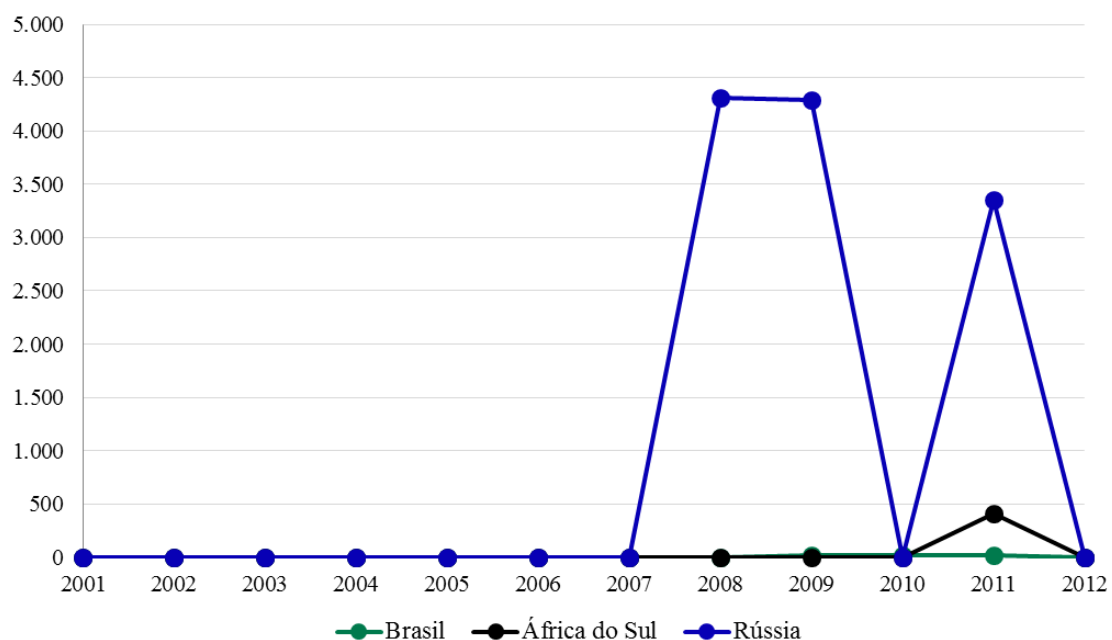
Fonte: OECD

Gráfico 26 - Estudantes que saíram da China para países do BRICS – 2006/2012



Fonte: OECD

Gráfico 27 - Estudantes que saíram da Índia para países do BRICS – 2006/2012



Fonte: OECD

Gráfico 28 - Estudantes que saíram da Rússia para países do BRICS – 2006/2012



Fonte: OECD

Dos dados analisados observamos que a mobilidade dos estudantes dentro do BRICS pode estar relacionada com o crescimento econômico desses países. O número de estudantes cresceu de forma bastante significativa passando de 216 estudantes móveis no total, no triênio 2001/2003, para 17.286 no triênio 2010/2012. Mesmo considerando que alguns dados russos estão sem uma informação precisa, o crescimento é, de fato, muito expressivo. Talvez um dos motivos desse crescimento no intercâmbio seja o aumento no número de acordos de cooperação internacional entre esses países, e o fato de o crescimento econômico e a expansão do ensino superior destes os tornam destinos mais visíveis para estudantes migrantes, além dos Estados Unidos.

Finalmente, uma das razões para esse aumento pode girar em torno da busca por torna-se uma *world-class university*. Segundo o *Academic Ranking of World Universities* 90% das instituições de ensino superior estão localizadas em países do hemisfério norte e com economia consolidada. Dessa maneira, a economia parece ser fator determinante nessa busca das nações em ter uma ou mais WCU. O estabelecimento dos países do BRICS como economias emergentes e o aumento significativo ano a ano do PIB desses países, por exemplo, mostra-se aparentemente associado à busca dessas nações de promover a criação de WCUs em seu território. Isso pode ocorrer tanto por uma questão

de este ser um fator que evidenciaria a presença desses países como potências econômicas, quanto pelo próprio aporte de recursos originado da vinda de estudantes internacionais para cada país. Nesse sentido, observamos uma relação de economias estabelecidas com a expansão do ensino superior e o aumento da mobilidade. Isso pode ser observado nos países do BRICS.

Nos próximos capítulos apresentaremos uma investigação sobre as *world-class university* e em seguida uma discussão, com base nos meios midiáticos, da importância da constituição de acordos de mobilidade estudantil no ensino superior entre os BRICS, formando o que vem sendo chamado de “a universidade dos BRICS”.

IV. AS UNIVERSIDADES PADRÃO MUNDIAL NOS BRICS

A mobilidade de estudantes de ensino superior, como dito anteriormente, surgiu com a criação da própria universidade. Em nosso dia-a-dia conhecemos ou ouvimos histórias de pessoas próximas que tiveram contato, mesmo que de passagem, com estudantes estrangeiros. Os motivos que levam os estudantes a buscarem universidades estrangeiras são os mais diversos, vão desde o interesse pela localidade, pela linha de pesquisa, pela cultura, a língua, a proximidade do país, etc. Contudo, torna-se interessante a menção para trazer um ponto que, de certa forma, facilita a mobilidade de estudantes. Essa questão é o que chamamos atualmente de *world-class university* (WCU).

Para Martins:

Essa noção procura expressar certas características apresentadas por determinadas universidades, tais como presença de uma cultura acadêmica consolidada, existência de normas institucionais compartilhadas pelos seus membros, padrão de excelência em pesquisa e ensino, absorção de um quadro docente de alto nível acadêmico, rigorosa seleção intelectual dos alunos. Ao mesmo tempo, adotam um expressivo recrutamento internacional de seus docentes e estudantes, de tal modo que criam um ambiente cosmopolita nas discussões acadêmicas que ocorrem em seu interior. Contam também com uma adequada estrutura financeira capaz de custear adequadamente seus laboratórios, bibliotecas, de fornecer bolsas de estudos para estudantes nacionais e estrangeiros e oferecer salários competitivos no processo de recrutamento de seus docentes. (MARTINS, 2015, p. 299)

Para Cheol Shin, uma *world-class university* instiga estudantes estrangeiros e sua produção possui uma influência global, pois serve a população mundial. Além disso, suas ações são reconhecidas tanto por acadêmicos quanto por pessoas em geral. Dessa perspectiva a universidade para ser global precisa ter um valor para a humanidade e ter excelência em pesquisa e ensino. Para que ela possa competir globalmente, precisa atrair docentes – com salários e sistemas de incentivo - e discentes competentes, além de fundos de investimento que objetivam maior produtividade em suas pesquisas.

O governo tem papel determinante para uma WCU, a qual para competir internacionalmente com outras universidades precisa ter uma autonomia institucional concedida por ele. Os governos possuem estratégias para garantir a qualidade de suas pesquisas e de seus professores. Logo, as WCU deixam de ser uma entidade nacional. Portanto, mudanças governamentais tornam-se essenciais para a formação de uma *world-class university*. A China, foi um dos primeiros países a se interessar pela criação de uma WCU. Em 1998, o Projeto 985 gerido pelo governo tinha como objetivo estimular nove universidades vistas como expressivas em produções universitárias capazes de

competirem internacionalmente no âmbito educacional. Para Wanhua Ma, foi nesse projeto que o termo foi cunhado pela primeira vez. O projeto de WCU não são apenas para que as universidades não atinjam o topo do *ranking* – no parágrafo seguinte atentamos para os *rankings* -, mas para que a economia do país cresça e, assim, haja um desenvolvimento nacional.

Torna-se interessante ressaltar a presença dos *rankings* das universidades que possuem como objetivo classificar as instituições de ensino superior de todo mundo. O mais famoso deles, *Academic Ranking of World Universities* (ARW) para Martins:

Privilegia a produtividade em pesquisa, incluindo número de artigos publicados nas revistas *Science* e *Nature*, citações de artigos de pesquisadores mensurados por Thomas Scientific, e por Science and Social Science Citations, professores que ganharam Prêmio Nobel, alunos distinguidos com Prêmio Nobel e (ou) FielsMedals etc. Os critérios adotados pela Shanghai Jiao Tong University tendem a favorecer as antigas e prestigiosas universidades ocidentais, principalmente aquelas que têm produzido ou atraído ganhadores de Prêmio Nobel. [...] Os indicadores usados valorizam as publicações em língua inglesa e determinadas revistas científicas internacionalmente referenciadas, algumas das quais se encontram abrigadas no interior das universidades que ocupam posições destacadas nos *rankings globais*. (MARTINS, 2015, p. 298)

Para Shin, as universidades que estão no topo do *ranking* de melhores do mundo não são *world-class university*, pois elas dão enfoque em questões de desenvolvimento nacional e, com isso, não possui a característica central de valor para a humanidade. Para ele, essas universidades com enfoque nacional são *globally competitive research university*, elas tendem, em grande parte, a focar em benefícios na sua própria instituição com o objetivo de gerar mais fundos para si. Com isso, percebemos que o *ranking* para definir a *world-class university* possui várias falhas. Tendo em vista que as universidades que não estão no topo visam aquelas que estão, existe uma reprodução da mecânica de uma *globally competitive research university* uma vez que, as universidades que estão no topo não possuem orientação para valores humanos e estão focadas em demandas locais/nacionais.

A consolidação de uma *world-class university* leva em conta, principalmente, a produtividade de pesquisas, fundos de investimentos e discentes e docentes estrangeiros. Porém, a língua inglesa, a disposição geográfica e o desenvolvimento econômico são, também, fatores determinantes para essa consolidação. A importância da língua inglesa, deve-se ao fato de que os principais jornais de publicação serem escritos nesse idioma. Essa questão pode ser um dos motivos que explica a posição dessas universidades nos rankings. De acordo com o *Academic Ranking of World Universities* (ARW) de 2010, 90% das universidades estão em países avançados economicamente e distribuídos do

hemisfério norte do globo, principalmente EUA e Reino Unido. Em 2010, oito universidades do top 10 eram do continente americano e as duas do europeu. Já nas top 50, 74% delas, ou seja, 37 eram americanas, enquanto 11 são da Europa e duas da Ásia/Pacífico. Finalmente, nas top 100, 68 delas são americanas, 33 europeias e 8 da Ásia/Pacífico. O que percebemos é um percentual bastante elevado de universidades americanas, sendo que, ao falar “americanas” estamos falando na esmagadora maioria de instituições dos EUA.

Além de uma análise mais geral sobre a procura pela consolidação da WCU, torna-se interessante destacar os planos e diretrizes das universidades das nações do BRICS que buscam tornar-se uma *world-class university*. Abaixo apresentaremos alguns pontos levantados nos capítulos específicos dos países na coletânea “*The Road to Academic Excellence*”, traremos o contexto chinês, indiano e russo.

Wang, Wang e Cai Liu no capítulo “*Building World-Class Universities in China: Shanghai Jiao Tong University*” (SJTU) trazem a conjuntura histórica de uma das universidades mais antigas da China, além de estratégias e planos para torna-la uma *world-class university*. A SJTU passou a desenvolver diretrizes como forma de avaliar a situação, algumas delas são: identificação do nível da universidade, a estrutura, áreas de estudo, fundos de investimentos, suas publicações, etc. A cada departamento foi solicitado que fosse elaborado uma política e indicadores com o objetivo de ficar bem posicionada no ranking de ensino superior até 2050. Estabeleceu-se o *Office of Strategic Planning* com o objetivo de elaborar meios de cumprimento da meta de posicionamento no *ranking*. Uma das formas utilizadas para elevar sua posição, a universidade estabeleceu como propósito a internacionalização de sua instituição por meio de algumas questões, entre elas: a introdução de conceitos internacionais, atração de especialistas de *world-class university*, encorajando a universidade de encontros mundiais e expandindo os programas que promovem a mobilidade estudantil.

Sobre a Índia, Jayaram no capítulo “*Toward World-Class Status? The IIT System and IIT Bombay*” trata das Indian Institutes of Technologys (IIT) de um modo geral e faz um estudo de caso da IIT Bombay. Essa é uma das mais antigas IIT sendo fundada em 1958. Atualmente é reconhecida como um dos principais centros de excelência de estudos no ensino superior do país. Também, nos mais diversos *rankings*, é um dos institutos técnicos mais bem ranqueados. Vale ressaltar que entre as pesquisas desenvolvidas pela instituição, algumas delas são de investimentos de agências internacionais. Fora isso, os membros fazem consultorias e colaboração em projetos industriais. Em média a IIT

Bombay possui 400-500 projetos patrocinados. Também, seu relacionamento com instituições internacionais teve um crescimento. Para coordenar esse contato foi criado o *International Relations Office*. A IIT Bombay faz parte da *Links to Asia by Organizing Traineeship and Student Exchange* (LAOTSE), uma rede de intercâmbio de estudantes de universidades da Europa e da Ásia. No entanto, como o processo de admissão na IIT é muito rígido – trataremos essa discussão na seção seguinte ao pontuar sobre as ações afirmativas - não são atraídos discentes estrangeiros.

Por último, apresentamos o capítulo “*Establishing a New Research University: The Higher School of Economics, the Russian Federation*” de Froumin que aborda a Higher School of Economics (HSE). Essa universidade, fundada em 1992, é a mais nova com destaque entre as melhores da Rússia. A HSE foi considerada uma universidade moderna, inovadora e internacional, com foco no mercado econômico. Possui programas de intercâmbio com universidades estrangeiras, o que foi fundamental para atrair estudantes também de outras universidades russas, os quais passaram a ter a oportunidade de estudar no exterior. Fundada em um ano conturbado para o sistema educacional do país, devido a mudança para o capitalismo, a HSE passou por constantes mudanças e adaptação para adquirir seu status. Nesse período de transição houve um apoio estrangeiro para modernização no sistema de ensino russo. Foi a primeira universidade a ter mestrados em diversas áreas e em 1997 estabeleceu um programa com a *London School of Economics and Political Science*, que embora tenha sido com menor escala na época, foi essencial para o desenvolvimento da universidade. Uma dificuldade era a tradução e publicação de materiais em russo, bem como a falta de professores para os cursos ofertados, pois, só era permitido o ensino na própria língua. A HSE estabeleceu estratégias para atrair profissionais estrangeiros e propôs mudanças no regulamento para tornar aceitável que aulas fossem lecionadas na língua inglesa. Além de atrair professores, essa transformação proporcionou a vinda de estudantes de outros países.

Finalmente, sobre a África do Sul e o Brasil, os estudos acerca das WCU não são recorrentes. Por esse motivo, pontuamos apenas os casos da China, Índia e Rússia. Desses apresentados, notamos uma diferenciação nas estratégias de cada nação, a Índia pelo alto grau de complexidade social existente na nação percebe-se dificuldades quanto a implementação de uma WCU. Diferentemente da China que ao ser uma das pioneiras nesse quesito, voltou-se para ações pontuais, como a autonomia do governo, investimentos e a busca de profissionais talentosos e, também, dando enfoque na mobilidade estudantil. O foco dessa nação foi claro desde o início, no Projeto de Estado

985 o presidente Jiang Zemin declarou que a China deve fazer parte do topo de universidades.

Para entender de forma mais clara o que pontuamos nesse capítulo, é importante compreender a composição do ensino superior nesses países. Já vimos que a busca por uma WCU é parte determinante para esses países nos dias atuais, todavia, como deu-se a estrutura até o período em que passaram a ter esse objetivo é importante para compreender a relação entre crescimento econômico e a expansão do ensino nessas nações.

V. AS NAÇÕES DOS BRICS E O ENSINO SUPERIOR NAS REDES SOCIAIS

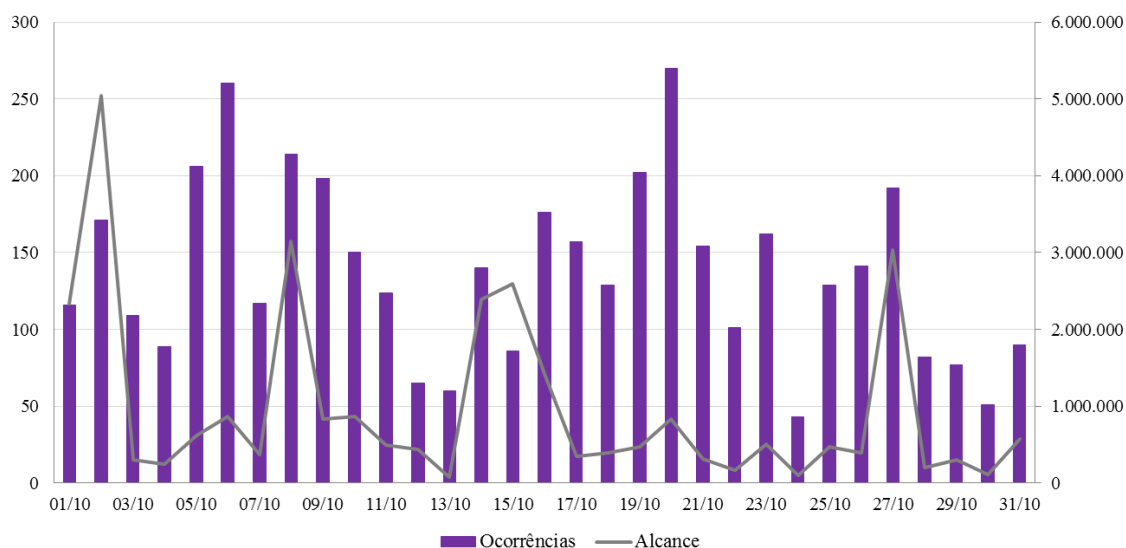
Como afirmado anteriormente, a mídia, a partir do segundo semestre de 2015, passou a dar grande enfoque ao ensino superior relacionado aos BRICS devido à criação da rede de intercâmbio de pós-graduação entre esses países. Diante dessa mudança de perspectiva, decidimos monitorar essa relação no mês de outubro de 2015 no *Twitter* como uma das formas de demonstrar a associação entre a “emergência econômica” desse grupo ao nível superior de ensino e ao aumento da mobilidade internacional entre estudantes universitários. A escolha do mês foi por ser o mesmo da Cúpula Global das Universidades. No entanto, antes de apresentar o dado, é preciso compreender no que consiste a análise das redes sociais.

O monitoramento de mídias sociais é ferramenta importante de análise para observar como determinada temática é vista e compreendida. Lógico que se considera um perfil bem singular: pessoas que possuem computador e que possuem conta em redes sociais. Logo, é um nicho bastante específico e bem característico, diferentemente das pesquisas de opinião pública que são capazes de representar a população como um todo a partir de grupos e amostra realizadas. Para Laine e Fruhwirth:

Ferramentas para monitoramento de mídias sociais são (na maioria das vezes) serviços de software oferecidos através da internet para filtrar e analisar o conteúdo textual produzido por e na mídia social. As ferramentas encontram conteúdo baseados nas palavras-chave definidas pelos usuários. As ferramentas incorporam múltiplas funcionalidades, como análise de volume, fonte, autor, palavra-chave, região e sentimento, e reportam estas análises convenientemente de modo gráfico (LAINE; Fruhwirth, 2010, p.194)

A todo instante novos conteúdos são gerados, novos assuntos ganham destaque, sendo assim, a análise das mídias digitais, funciona como um mecanismo que pretende mensurar o impacto dessas questões. Para o nosso estudo, o termo “brics” foi a expressão escolhida. Abaixo podemos observar o número de ocorrências e o alcance delas durante o mês de outubro de 2015. A ocorrência é o comentário em que o termo BRICS aparece, enquanto que o alcance se refere ao número de pessoas que tiveram acesso ao que estava sendo veiculado. Um dos nossos objetivos nessa análise superficial, além de mostrar o impacto dos BRICS nas mídias, é observar se o ensino superior é uma temática recorrente dos internautas ao falar sobre o grupo.

Gráfico 29 - Número de ocorrências e alcance do termo “BRICS” em Outubro – 2015



FONTE: VTRACKER

Durante o mês de análise foram mais de 4.3 mil ocorrências que alcançaram mais de 30.2 milhões usuários. No gráfico observamos picos bem visíveis de ocorrências, os dias 6 e 20 apresentaram os maiores picos com 260 e 270, respectivamente. No alcance os dias: 2, 8 e 27 foram os que tiveram maior alcance com 5 milhões, 3.1 milhões e 3 milhões, respectivamente.

Nesses dias repercutiram questões bem específicas, no dia 2, por exemplo, foi noticiado por diversos veículos e, assim, compartilhado pelos internautas a notícia que trata a importância do BRICS para o Pré-Sal. Já no dia 8, muitos internautas repercutiram a 5ª Reunião dos Ministros de Agricultura e do Desenvolvimento Agrário do BRICS que aconteceu em Moscou, onde a ministra Kátia Abreu abordou em seu discurso sobre as regras sanitárias das nações. Fora isso, a forma de noticiar os períodos de crise econômica brasileira foi debatida no "Fórum dos líderes de veículos de comunicação dos Brics" que, também, aconteceu em Moscou e reuniu profissionais das áreas dos países do BRICS. No mesmo fórum foi abordada a crise dos jornais impressos nesses países, sendo outro tema que alcançou um número significativo de internautas.

No mês em questão o ensino superior ganhou destaque nas discussões. A primeira grande movimentação dos usuários sobre a temática surgiu após a notícia da rede universitária do BRICS e suas prioridades durante a Cúpula Global das Universidades. A segunda, já no período da cúpula, aconteceu no dia 27. As universidades do BRICS discutiram a cooperação acadêmica, temas como a mobilidade, a migração educacional e

o ranking das universidades. Percebemos com essas notícias que o ensino superior passa a ganhar mais evidência.

Notamos que os veículos de comunicação proporcionam o número elevado de alcance. É, principalmente, por meio deles que os internautas começam discussões sobre os países do BRICS e das questões que o envolvem. Também percebemos, ao longo da análise dos dados, uma presença forte de internautas pró governo Dilma Rousseff defendendo o enfoque dado aos países e, também, do grupo opositor ao governo. As notícias que foram mais repercutidas são, na sua maioria, questões econômicas e políticas, justamente por apresentar o embate entre os dois grupos.

No quadro abaixo observamos as ocorrências mais compartilhadas pelos internautas. Podemos notar três grupos: portais noticiosos, apoiadores do governo e oposição. Analisando apenas as vinte primeiras ocorrências, os portais noticiosos “neutros” tiveram mais de 350 compartilhamentos e um alcance de 1.5 milhão. A Carta Capital teve 111 compartilhamentos e aproximadamente 150 mil pessoas alcançadas. Os apoiadores alcançam 346 mil internautas, enquanto que a oposição alcança quase 225 mil pessoas. Frisamos novamente que a análise é apenas das vinte primeiras ocorrências. Esse quadro procura dimensionar a discussão sobre universidade e BRICS comparando as menções a esse assunto com as relacionadas a todos os outros assuntos referentes a esse grupo de países.

Quadro 1 - Top 20 notícias mais compartilhadas durante o mês de outubro de 2015-
Twitter

Ocorrência	Compartilhamentos	Alcance
Em 2015, os BRICS decidem criar uma nova arquitetura financeira global, em detrimento do dólar e do FMI.	109	347.704
Grave crise econômica e política do Brasil, na importante revista semanal italiana "PANORAMA"	67	372.818
Química, Meio Ambiente e Edificações: O Minério de ferro e o crescimento dos BRICS	60	531.844
Um golpe no Brasil levará junto TODOS GOVS DE ESQUERDA DA AMÉRICA LATINA e ENFRAQUECERÁ OS BRICS. Quem tá curtindo?	41	56.016
Para combater a crise, Brasil lança nova moeda no BRICS.	38	108.166
FBI investiga as Copas de 2010 na África, 2014 no Brasil e 2018 na Rússia	36	55.656
A importância dos BRICS para um pré-sal	35	48.214
A Universidade dos BRICS: Grupo reunirá o maior número de universidades dos países membros	31	54.369
O Minério de ferro e o crescimento dos BRICS	30	243.271
BRICS e US são países com maior nº de Celulares, Brasil é o 4º Countries with most Mobile phones	30	43.562
A importância do BRICS para um pré-sal brasileiro	29	18.347
Mercosul e Brics são a nossa resistência	29	37.684
BRICS criam universidade para todos	26	42.040
11) Além disso, o Brasil faz parte dos BRICS, que a oposição quer detonar, e é aliado da China e Rússia, desafetos históricos dos EUA	26	139.584
A importância do BRICS para um pré-sal de brasileiros	25	62.619
Não deixa de ser curioso o comunista Aldo Rebelo no comando no Ministério da Defesa. Ainda mais inclinando as FFAA ainda mais para os BRICS.	25	60.444
A FIFA ficou corrupta a partir das Copas de 2010 na África, 2014 no Brasil e 2018 na Rússia 3 q fazem parte dos BRICS, desafetos dos EUA?	25	38.614
Não! E eu achava que o Oceano Pacífico banhava a costa do Brasil. // Os BRICS é 5 vezes maior que os do TPP	23	37.095
O que a Rússia e a China querem dos BRICS? Por José Antonio Lima, de Moscou	22	19.575
Segundo @freire_roberto fazer parte dos BRICS ou do Conselho de Segurança da ONU atende aos interesses do PT e não do país. Mas é um trouxa.	22	37.506

FONTE: VTRACKER

Com essa análise das mídias digitais vemos uma presença interessante de internautas que citam os BRICS. De fato, os números são expressivos por ser um mês onde aconteceram muitos encontros entre membros das nações. Salientamos para o fato de que a cada ano percebemos mais destaque para o que acontece com os BRICS e com os países que fazem parte do grupo. O ensino superior ganhou relevância no ano de 2015 e a Cúpula Global das Universidades foi exemplo do destaque conquistado pelo ensino superior intragrupo. A Cúpula contou com a representação de 125 universidades, sendo 69 delas da Rússia por ser o país que sediou o encontro.

Finalmente, destacamos que a notícia sobre a “Universidade dos BRICS”, isto é, sobre a criação da rede de intercâmbio de pós-graduação não apareceu na análise por ter sido noticiada no mês de novembro de 2015. Contudo, essa temática é determinante para a mobilidade intragrupo com a busca por *world-class universities* sendo central para parte das nações desse grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo realizado podemos dizer que nossa hipótese inicial de uma relação entre o crescimento econômico e a expansão do ensino superior nos países, bem como o aumento da mobilidade estudantil entre estes, ganhou força. A mobilidade intragrupo dos estudantes nos países de grande crescimento econômico cresceu de forma bastante expressiva, ainda que seja pequena no momento se comparada com a migração de estudantes para os EUA. Além disso parece haver uma relação entre crescimento econômico em certas áreas e expansão do ensino superior nessas áreas, ainda que em direções por vezes inconsistentes. Os países mais atingidos no período da recessão expandiram sobretudo no setor de serviços, enquanto nos períodos de maior crescimento econômico cresceram as áreas de tecnologia e ciências.

Diante das projeções, esses processos tendem a aumentar, não apenas entre os países do BRICS, mas com a possibilidade desses países se tornarem referências em Ensino e em destino de estudantes móveis das mais diversas nacionalidades.

Além disso, a análise exploratória mostrou a importância de mais pesquisas que podem envolver o estudo da Educação relacionado com o processo de globalização por meio de um viés sociológico. Os resultados apresentados mostram cada vez mais a mudança do ensino em prol do aumento de estudantes móveis. Isso abre espaços para novos estudos que mostrem essas relações, e suas consequências para as economias locais. Salientamos para a ausência de alguns dados que poderiam clarificar melhor a expansão do ensino superior nessas nações e o volume e a direção das migrações de estudantes universitários entre esses países.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGARWAL, P. **Higher education in India: The need for change.** Indian Council for Research on International Economic Relations, 2006.

ALTBACH, P.; KNIGHT. **The internationalization of higher education: motivations and realities.** *The NEA almanac of higher education.* p. 27-36, 2006.

COLLARES, A. C. M. **The Expansion of Higher Education in Brazil between 1982 and 2006: Disentangling Age, Period and Cohort Effects.** *Population Review*, 2013.

CORBUCCI, P. R. **Sobre a redução das matrículas no ensino médio regular** (No. 1421). Texto para Discussão, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2009.

Froumin, A. & S. Establishing a New Research University: The Higher School of Economics, the Russian Federation. In: _____. **The Road to Academic Excellence**, 2011. Cap 10, p. 293-322.

GERBER, T. P. **Educational stratification in contemporary Russia: Stability and change in the face of economic and institutional crisis.** *Sociology of Education*, 219-246, 2000.

JAYARAM, A. & S. Toward World-Class Status? The IIT System and IIT Bombay. In: _____. **The Road to Academic Excellence**, 2011. Cap 6, p. 167-194.

LAINÉ, Mikko; FRUHWIRTH, Christian. **Monitoring Social Media: Tools, Characteristics and Implications.** In: TYRVÄINEN, P.; JANSEN, S.; CUSUMANO, M.A. (Eds.): *Lecture Notes in Business Information Processing*, Volume 51, Part 2, Part 7, 193-198, 2010.

MA, J. C & B.M. **The Global Research and the “World-Class” Universities.** In: _____. **Institutionalization of world-class university in global competition**, 2012. Cap 2, p. 17-32.

MARTINS, Carlos Benedito. **Notas sobre a formação de um sistema transnacional de ensino superior.** *Cad. CRH*, Salvador. p. 291-308, 2015 .

OLIVEIRA, Henrique Altemani de. **Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica.** *Rev. bras. polít. int.*, Brasília , 2004.

SCHOFER, Evan; MEYER, John W. **The Worldwide Expansion of Higher Education in the Twentieth Century.** *American Sociological Review*, p. 898-920, 2005.

SCHWARTZMAN, Simon. **Demanda e políticas públicas para o ensino superior nos BRICS.** *Cad. CRH*, Salvador, p. 267-290, 2015 .

SCHWARTZMAN, Simon. **Equity, quality and relevance in higher education in Brazil.** *Anais da Academia Brasileira de Ciências* (Impresso), Rio de Janeiro, p. 173-188, 2004.

SILVA, T. **Para entender o Monitoramento de Mídias Sociais**, 2012.

SHIN, J. C & B.M. The World-Class University: Concept and Policy Initiatives. In: _____. **Institutionalization of world-class university in global competition**, 2012. Cap 2, p. 33-62.

WANG & WANG & LIU, A. & S. Building World-Class Universities in China: Shanghai Jiao Tong University. In: _____. **The Road to Academic Excellence**, 2011. Cap 2, p. 17-32.

WILSON, D., & PURUSHOTHAMAN, R. **Dreaming with BRICs: the path to 2050** (Vol. 99). Goldman, Sachs & Company, 2003.

MARTINS, Carlos Benedito. **Notas sobre a formação de um sistema transnacional de ensino superior**. Cad. CRH, Salvador. p. 291-308, 2015 .

BERNARDINI, C. H. & MAIA, H. **Bullying escolar: uma análise do discurso de professores**. Polêm!ca, Rio de Janeiro. p. 99-104, 2010 .

RADUENZ, E. & STIVAL, M. C. E. E. **Bullying escolar e sua dominação no contexto familiar**, Congreso Iberoamericano de Educación, 2010 .

OLWEUS, D. **Agression in the schools: bullies and whipping boys**. Washington: Hemisphere, 1978.

BRASIL.